

12
anos

revista

Barbante

VOL. XII - Nº 62 - 30 DE ABRIL DE 2024
ISSN 2238-1414

**Perspectivas da leitura em sala de aula:
integrando livros digitais e físicos no ensino
de língua portuguesa**
Pág. 13



Palavras aos leitores e às leitoras

A Revista Barbante está feliz com mais uma edição repleta de textos bonitos de pessoas de vários lugares do Brasil e até mesmo de outros países! Este sempre foi o nosso objetivo, ou seja, chegar aos quatro cantos do universo apresentando os leitores com textos de qualidade. Os nossos artigos estão maravilhosos assim como todas as nossas demais seções!

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações da nossa querida fotógrafa e professora dra. Ligia das Neves que traz a natureza com uma beleza singular no clique da sua máquina e no seu olhar encantado de poeta da imagem.

As seções desta edição estão distribuídas em Artigo, Contos, Crônicas, Ensaio, Poemas, Resenhas e Resumos. Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

A nossa gratidão a todos que colaboram com a revista Barbante criando um laço afetivo de amor e cuidado entre autores que buscam fazer da literatura um meio de aproximar pessoas nos mais diferentes lugares com a alegria e solidariedade de quem escreve por amor e se dedica à arte da escrita com singularidade e maestria.

Os editores.



Artigos

AS FORMAÇÕES NEOLÓGICAS DO FUTEBOL NO *CORPUS* DO OBSERVATÓRIO DE NEOLOGISMOS NA MÍDIA PUBLICITÁRIA ELETRÔNICA

Gabriel Amorim Braga¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

gabriel.amorim7575@gmail.com

Resumo: Como ocorre o fenômeno da neologia no português brasileiro contemporâneo? O presente artigo apresenta um panorama do projeto de pesquisa de Iniciação Científica Voluntária (ICV) “Detecção e análise de neologismos formais em textos publicitários de mídia eletrônica: aplicação ao desenvolvimento da competência lexical”, empreendido, entre de setembro de 2023 a março de 2024, no âmbito do *Observatório de neologismos na mídia publicitária eletrônica e o desenvolvimento da competência lexical*, coordenado pelo professor Aderlande Pereira Ferraz na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com o intuito de sintetizar a pesquisa desenvolvida quanto o léxico do português do Brasil, a partir da realização de coleta, descrição e análise pedagógica de novas unidades neológicas do campo léxico-semântico do futebol.

Palavras-chave: Léxico. Neologia formal. Futebol.

Resumen: ¿Cómo se produce el fenómeno de la neología en el portugués brasileño contemporáneo? Este artículo presenta una visión general del proyecto de investigación de Iniciación Científica Voluntaria (ICV) “Detecção e análise de neologismos formais em textos publicitários de mídia eletrônica: aplicação ao desenvolvimento da competência lexical”, realizado entre septiembre de 2023 y marzo de 2024 en el ámbito del *Observatório de neologismos na mídia publicitária eletrônica e o desenvolvimento da competência lexical*, coordinado por el profesor Aderlande Pereira Ferraz en la Facultad de Letras de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), con el objetivo de resumir las investigaciones realizadas sobre el léxico del portugués de Brasil, a partir de la recolección, descripción y análisis pedagógico de nuevas unidades neológicas del campo léxico-semántico del fútbol.

Palabras clave: Léxico. Neología formal. Fútbol.

¹ Graduando em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um panorama do projeto de pesquisa de Iniciação Científica Voluntária (ICV) “Detecção e análise de neologismos formais em textos publicitários de mídia eletrônica: aplicação ao desenvolvimento da competência lexical”, empreendido, entre de setembro de 2023 a março de 2024, no âmbito do *Observatório de neologismos na mídia publicitária eletrônica e o desenvolvimento da competência lexical*, coordenado pelo professor Aderlande Pereira Ferraz na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Para tanto, o plano de trabalho contemplou, as atividades de identificação e extração de neologismos formais do campo léxico-semântico do futebol a partir da análise de publicações e de interações novas sobre o futebol na plataforma de mídia social X (*Twitter*). Coube-nos, para tanto, (i) selecionar os itens léxicos candidatos a neologismos; (ii) submetê-los ao *corpus* de exclusão, atestando ou descartando a neologicidade lexicográfica destes; (iii) classificar, em planilhas específicas do *Observatório*, os produtos resultantes dos processos de neologia formal. Partindo do reconhecimento de que a detecção de neologismos é essencial para possibilitar o acompanhamento da evolução lexical das línguas e atualização de *corpus* de análise da língua (Lejeune; Cartier, 2017), tal procedimento permitiu-nos analisar os produtos neológicos recolhidos, com vistas a realizar a aplicação pedagógica destes, focalizando o desenvolvimento da consciência e competência lexicais.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Ampliar o conhecimento sobre o léxico do português do Brasil, a partir da realização de coleta, descrição e análise pedagógica de novas unidades neológicas do campo léxico-semântico do futebol, em circulação no período setembro de 2023 a março de 2024.

2.2. Específicos

- Extrair e registrar neologismos do campo léxico-semântico do futebol, resultantes dos processos de neologia formal, presentes em publicações e interações novas sobre o futebol, veiculados nas redes sociais.
- A partir da análise pedagógica dos neologismos coletados, produzir trabalhos para publicação e/ou apresentação em eventos científicos, que possam evidenciar as novas criações lexicais e contribuir para o desenvolvimento da consciência e competência lexicais.

3. METODOLOGIA

Para delimitar a palavra nova, adotamos o *critério lexicográfico*, segundo o qual “uma unidade lexical será neológica se ainda não estiver registrada nos dicionários de língua” (Ferraz, 2012, p. 21). Isso foi feito mediante a submissão dos candidatos a neologismo ao *corpus* de exclusão, composto pelas seguintes obras de referência:

- a. *Dicionário online Caldas Aulete*: com mais de 810 mil entradas lexicais, incluindo verbetes, definições e locuções em permanente atualização;
- b. *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (2015): com mais de 490 mil entradas lexicais, incluindo verbetes, definições e locuções;
- c. *Vocabulário do futebol na mídia impressa: o glossário da bola* (2005): com mais de três mil entradas lexicais do campo léxico-semântico do futebol.

Quanto à metodologia de trabalho, destacamos os seguintes momentos, desenvolvidos em um período de seis meses:

1. a fase de análise de publicações e de interações novas sobre o futebol brasileiro e internacional, veiculados no X (*Twitter*) no período de outubro a dezembro de 2023, para identificação de neologismos resultantes dos processos de neologia formal;
2. a fase de verificação, no *corpus* de exclusão, do registro dos candidatos a neologismos;
3. a fase de estabelecimento da tipologia unidades consideradas neológicas, em consonância com a tipologia dos processos de formação de palavras no português pré-estabelecida e atestada em Sandmann (1988) e Alves (2004).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os neologismos formais do campo léxico-semântico do futebol encontrados a partir da observação de publicações e de interações novas sobre este esporte no contexto brasileiro e internacional feitas por times, torcedores, instituições, influenciadores, jornalistas, entre outros, e veiculadas na plataforma de mídia social X (*Twitter*) no período de outubro a dezembro de 2023. O *corpus* constituído apresenta 428 unidades neológicas, tratando-se essencialmente de formações produzidas sob o aspecto estilístico, cuja criação “baseia-se na expressividade da própria palavra ou da frase, não com o objetivo de mostrar ideias originais de uma maneira totalmente nova, mas de exprimir de uma maneira inédita uma visão pessoal do mundo”, e pela qual pode-

se “fabricar uma nova lexia ou dar a uma lexia já formada uma significação diferente do sentido amplo e conhecido” (Cardoso, 2004, p. 11). Isso ocorre devido ao fato de que o universo do futebol constitui, na verdade, uma dimensão social que alterna “percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DaMatta, 1982, p. 40), o que, no âmbito linguístico, tende a provocar um movimento do léxico em direção à renovação, uma vez que, “à medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades lexicais” (Ferraz, 2006, p. 219).

A seguir, apresentamos alguns exemplos de formações neológicas, classificadas em consonância com a tipologia pré-estabelecida e atestada em Sandmann (1988) e Alves (2004) dos processos de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.

4.1. Neologismos formados por derivação prefixal

As formações por derivação prefixal detêm um percentual de bem reduzido (3,3%), dividindo-se em neologismos de caráter substantival (**super Vasco** e **vice-lanterna**) e adjetival (**multirrebaixado** e **pseudogremista**):

- Se fechar com o Alexandre Mattos e o Gustavo Grossi, o super Vasco vem aí.
- O treinador do Cruzeiro acaba de perder para o vice-lanterna e está falando na coletiva sobre a situação política do Brasil. Sinceramente, isso é rir na cara do torcedor.
- Tem gente que acha que precisa ser multirrebaixado para mostrar amor de verdade pelo clube.
- Esse demonstrou mais respeito pelo Renato Portaluppi do que muito pseudogremista por aqui.

4.2. Neologismos formados por derivação sufixal

Os neologismos formados por derivação apresentam uma ocorrência de 21,7%, com formações de caráter substantival (**favoritômetro** e **Galudo**), adjetival (**dinizista** e **maradoniano**) e verbal (**botafoguesar** e **neymarização**):

- O favoritômetro do Seleção SporTV para a final da Libertadores: Boca Juniors 38% e Fluminense 62%.
- O Galudo vai papar o tetracampeonato, tá?
- Longe mais muito longe de ser dinizista, mas agora é acreditar.

- O gol maradoniano de Messi contra o Getafe em 2007. Nostálgico!
- Você percebe que o Brasileirão está voltando ao normal quando o Vasco retorna para a zona de rebaixamento e o Botafogo começa a botafoguesar.
- A neymarização desses jogadores é bem preocupante.

4.3. Neologismos formados por siglagem

As unidades lexicais pelo processo de siglagem, que são “motivadas em geral por economia linguística e discursiva, a propiciar maior agilidade à comunicação,” e “formadas a partir da junção das iniciais de um sintagma designativo” (Ferraz, 2012, p. 30), representam 18,9% de nosso de *corpus*, dividindo-se em construções vernáculas, como **SEP** (Sociedade Esportiva Palmeiras) e **SPFC** (São Paulo Futebol Clube), e estrangeirismos, a exemplo de **L AFC** (Los Angeles Football Clube) e de **IFAB** (International Football Association Board):

- Me diga aí, historiador da SEP.
- Manda o Gabigol para o SPFC e deixa o bocó que a Globo chama de técnico lá.
- O Corinthians já enviou uma proposta pelo lateral-esquerdo do L AFC.
- IFAB aprova testar expulsão temporária por reclamação com árbitro.

4.4. Neologismos formados por composição

Enquanto processo de formação de palavras que “implica a justaposição de bases autônomas ou não autônomas” (Alves, 2004, p. 41), a composição é representada no *corpus* por um número pouco significativo de neologismos (1,9%), as quais são de natureza subordinativa (**neymardependência** e **bagrefobia**), que “supõe uma relação de caráter determinante/determinado, ou determinando/determinante, entre dois componentes de uma unidade léxica” (Alves, 2004, p. 41), e coordenativa (**artilheiro-estrangeiro** e **clube-empresa**), “exercida pela justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical” e sendo processada sempre entre bases que possuem a mesma distribuição (Alves, 2004, p. 44):

- Diniz finalmente conseguiu acabar com a neymardependência.
- Bagrefobia! O engraçado é que ninguém reclamava quando via a mesma coisa no time do São Paulo.
- O maior artilheiro-estrangeiro do Galo é outro argentino, o Lucas Pratto, com 42 gols.

- O clube-empresa do Galo tem prazo para iniciar a operação ainda no fim de outubro.

4.5. Neologismos formados por composição sintagmática

As unidades neológicas formadas por composição sintagmática, que surgem quando, ainda em vias de lexicalização, “os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica, quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica” (Alves, 2004, p. 50), representam 8,6% do nosso *corpus*, as quais se apresentaram com as seguintes estruturas:

a. N + A (**fair play financeiro** e **escanteio curto**):

- Clube corre risco de punição por violação de fair play financeiro.
- Grêmio é o time que cobra escanteio curto e faz lateireio.

b. N + Prep. + N (**contra-ataque de almanaque** e **jogada de vídeo-game**):

- Contra-ataque de almanaque do Galo.
- Ferreira faz uma jogada de videogame com Villasanti e deixa tudo igual no placar!

c. N + N (**time home office** e **gol escorpião**):

- Acabou a maldição do time home office?
- O Yuri Alberto acabou de tentar fazer um gol escorpião.

4.6. Neologismos formados por cruzamento lexical

Dentre as 428 unidades consideradas neológicas, a maioria (30,8%) é constituída por cruzamento lexical, processo de formação de palavras que ocorre quando “duas bases – ou apenas uma delas – são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial” (Alves, 2004, p. 69). Embora esse processo seja tido como menos produtivo em alguns estudos, a

exemplo de Alves (2004, p. 68), a análise do campo léxico-semântico do futebol revela uma tendência oposta. Desse *corpus*, destacamos **Falidorinthians**, em que se tem o cruzamento lexical de falido + Corinthians, referindo-se à condição financeira do clube da cidade de São Paulo, e **chorafoguense**, que é o cruzamento de chorão + botafoguense, aludindo-se pejorativamente às reclamações e aos questionamentos dos torcedores do Botafogo de Futebol e Regatas.

- Não ironicamente, joga mais que o Falidorinthians.
- Eu fico aqui pensando em como deve ser triste ser chorafoguense.

4.7. Neologismos formados por truncamento lexical

Caracterizado como um tipo de abreviação em que uma parte da sequência lexical é eliminada (Alves, 2004, p. 69), o truncamento corresponde a 4,9% de nosso *corpus*, dividindo-se em casos nos quais elimina-se a parte final (**Bota e Braga**, derivadas, respectivamente, de Botafogo e de Bragantino) ou a inicial (**Fogo e Meiras**, a partir de Botafogo e de Palmeiras):

- Sem clubismo, o Bota está fazendo o certo.
- O Braga segue mostrando a sua força!
- Ele merece assumir o Fogo e ser campeão esse ano.
- Ele com a camisa do Meiras na *live*.

4.8. Neologismos formados por reduplicação lexical

A reduplicação, “processo morfológico de formação de palavras que se dá pela repetição parcial ou total de uma palavra-matriz” (Ferraz, 2012, p. 33), está representada por apenas três neologismos, sendo um dos processos menos produtivos em nossa coleta (0,7%):

- Ele só jogou bem com o Abel por conta das bolas paradas e por ser chuta-chuta.
- Jogadores da Série A com duplo-duplo na temporada de 2023.
- Este, sem dúvida alguma, é o pior momento destes quase trinta anos. Viramos um junta-junta.

4.9. Neologismos gráficos

Os neologismos gráficos, que tratam-se de itens lexicais cuja disposição gráfica das letras, em maiúsculas ou minúsculas, representam 5,1% de nossa coleta.

- Genial a Lacta ter comprado os direitos de nome do Morumbi para chamá-lo de MorumBIS.
- No dia primeiro de dezembro de 1963, o Galo sagrou-se biCAMpeão Mineiro.

4.10. Neologismos formados por analogia

Os neologismos por analogia representam, por sua vez, 1,4% da coleta, com apenas seis unidades lexicais.

- O torcedor vira terraflanista e prega o terraflanismo.
- Aconteceu! O Maracanasô aconteceu!

4.11. Expressões idiomáticas

Enquanto as expressões idiomáticas somam 2,6% da representação do *corpus*, com onze frases.

- Maxi Silvera marca o gol do Oscar do Peixe no Beira-Rio! Internacional 7 x 1 Santos.
- É vencer todas e ligar o secador.

Referências

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. 2. ed., 3. reimpressão. São Paulo, SP: Ática, 2004.

AULETE. **Dicionário online Caldas Aulete**. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon Editora, 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

CAMBUTA, José. A ‘didactização’ da neologia do Português. *Linha D’Água*, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 25-44, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/159178>. Acesso em: 02 fev. 2023.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In*: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, RJ: Edições Pinakothek, 1982. p. 19-42.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. *In*: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006. p. 217-234.

_____. Produtividade lexical no português brasileiro: o que pode informar um observatório de neologismos? *In*: PERNAMBUCO, Juscelino; FIGUEIREDO, Maria Flávia; CÂMARA, Naiá Sadi (orgs.). **Textos e contextos**. Franca, SP: Universidade de Franca, 2012. p. 13-37.

LEJEUNE, Gaël; CARTIER, Emmanuel. Character based pattern mining for neology Detection. *In*: FARUQUI, Manaal; SCHUETZE, Hinrich; TRANCOSO, Isabel; et al (orgs.). **Proceedings of the first workshop on subword and character level models in NLP**. Copenhagen, Denmark: Association for Computational Linguistics, 2017, p. 25-30. Disponível em: <https://aclanthology.org/W17-4103>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MICHAELIS. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

QUEIROZ, João Machado de. **Vocabulário do futebol na mídia impressa**: o glossário da bola. 2005. 4 v. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102469>. Acesso em: 22 jan. 2024.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba, PR: Scientia et Labor/Ícone, 1988.

PERSPECTIVAS DA LEITURA EM SALA DE AULA: INTEGRANDO LIVROS DIGITAIS E FÍSICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Paula Martins Ramos¹
Alexandre dos Santos²

RESUMO: Este estudo analisa a prática da leitura em sala de aula, explorando os desafios apresentados pelos livros físicos e digitais no processo de aprendizagem. O objetivo foi compreender o desenvolvimento da habilidade de leitura nos anos finais do ensino fundamental. Utilizou-se uma abordagem metodológica centrada na revisão bibliográfica, que incluiu obras de autores reconhecidos, como Paulo Freire (1992), Isabel Solé (1998) e Luiz Carlos Cagliari (2002), abrangendo uma diversidade de fontes, como livros, artigos científicos, dissertações e monografias. Os resultados revelaram lacunas na compreensão da aquisição da leitura e destacaram a importância da utilização tanto da biblioteca física quanto da virtual para fomentar o hábito de leitura entre os estudantes. Essas conclusões sugerem a necessidade de estratégias pedagógicas que integrem efetivamente ambos os recursos, visando promover uma formação leitora mais abrangente e significativa.

Palavras-chave: Educação; Ensino Fundamental; Leitura; Livros digitais e físicos; Tecnologia.

PERSPECTIVES OF READING IN THE CLASSROOM: INTEGRATING DIGITAL AND PHYSICAL BOOKS IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

ABSTRACT: This study analyzes the practice of reading in the classroom, exploring the challenges presented by physical and digital books in the learning process. The objective was to understand the development of reading skills in the final years of elementary school. A methodological approach centered on bibliographic review was used, which included works by recognized authors, such as Paulo Freire (1992), Isabel Solé (1998) and Luiz Carlos Cagliari (2002), covering a diversity of sources, such as books, scientific articles, dissertations and monographs. The results revealed gaps in the understanding of reading acquisition and highlighted the importance of using both the physical and virtual libraries to encourage the reading habit among students. These conclusions suggest the need for pedagogical strategies that effectively integrate both resources, aiming to promote more comprehensive and meaningful reading training.

Keywords: Education; Elementary School; Reading; Digital and physical books; Technology.

¹Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá. Tutora no Centro de Educação Superior a distância – Cesad/UFS. Email: paulamartinsramos@hotmail.com

² Graduado em Letras Português – Francês. PósGraduando em Psicologia e Educação pela Faveni. Tutor no Centro de Educação Superior a distância Cesad/ UFS. Email: ale.hyan@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Hoje uns dos desafios na educação são a questão do aprendizado da leitura, pois observou-se que muitos alunos que chegam no ensino fundamental anos finais encontram dificuldade no aprendizado a que se refere a leitura. Assim, a leitura proporciona observar o mundo criticamente e contribui para a aquisição de novos conhecimentos, despertar emoções e sentimentos. Com o objetivo de se apreender como ocorre o processo de aquisição da leitura nos anos finais do ensino fundamental. Este estudo possibilita debate de professores sobre as diretrizes que melhorem a superação do problema. O método de ensino utilizado para explorar essas questões implica em uma análise abrangente dos desafios enfrentados para adquirir autonomia

a leitura. Para isso, são consideradas as contribuições de diversos estudos da área da educação. Sendo assim, é fundamental considerar as palavras de Freire (1992):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (P. 11)

Percebemos que temos contato com as palavras desde quando nascemos, aprendemos as palavras para que possamos reconhecer e dar sentido ao mundo onde vivemos. Para Cagliari (2000):

A leitura e “atividade fundamental” desenvolvida pela escola que visa a formação do ser. Para nos informar sobre o mundo, lemos jornais, revistas, tanto informações impressas como através da internet. Também nos informamos, com rótulos, receitas, bulas em que contemplam dados e informações. (p. 148)

Desse modo, a leitura é um assunto amplamente discutido na escola, na universidade e nos eventos científicos. Mas, ainda merece destaque, pois apreender merece estudos e aprofundamentos por parte dos professores e pesquisadores. Assim, destacamos um conceito de leitura.

Segundo Freire (1992):

Ler contribui para que a criança compreenda o mundo que a cerca com olhar crítico, ler vai além de decodificar, para a criança ler é algo prazeroso, é uma das formas de conhecer o mundo independente de onde se encontra, é permitir viajar pelo imaginário com estímulos ao desenvolvimento integral. (p. 11)

Assim, ao empreender a compreensão do processo de aquisição da leitura e seu desenvolvimento no âmbito escolar, observa-se que, mesmo antes do contato direto com a literatura, o adolescente já possui uma leitura de mundo. Em outras palavras, a capacidade de leitura está intrinsecamente ligada ao contexto que nos cerca, pois aquele que se dedica à leitura pode ser legitimamente considerado um leitor, uma vez que é capaz de interpretar e decodificar sinais e símbolos, conforme afirmado por Solé. (1998)

O aprendiz de leitor possui conhecimentos pertinentes sobre a leitura – sabe que o escrito diz coisas, que ler é saber o que diz e escrever, poder dizê-lo – que devem ser aproveitados, para que possa melhorá-los e torná-los mais úteis. (p. 58)

Com essa perspectiva, o professor tem o poder de cultivar o hábito da leitura, oferecendo uma variedade de textos e criando um ambiente propício para que essa prática se torne prazerosa. Ao desenvolver estratégias que engajem os alunos e os incentivem a explorar diferentes gêneros textuais, o educador não apenas promove o acesso ao conhecimento, mas também estimula o desenvolvimento das habilidades de compreensão, análise e expressão.

OS LIVROS DIGITAIS VÃO SUCESSER OS LIVROS FÍSICOS?

Com os novos meios tecnológicos, vários leitores passaram a optar por esse tipo de leitura, porém, isso não quer dizer que os livros impressos vão sair de acesso, pois somente novas mídias que foram introduzidas a esse formato. No entanto, desde que o livro de Robert Logan veio em 2012 para assumir o lugar dos livros de papel, conseqüentemente, houve um crescimento considerável no mercado editorial, tanto digital quanto impresso. Mas, com o período da pandemia, o cenário precisou ser adaptado para abranger as medidas tomadas.

Observa-se um significativo aumento nas vendas de livros digitais em relação ao ano de 2019, acompanhado pela migração das livrarias para o ambiente online, resultando em um crescimento notável de 84% no faturamento, em contraste com a redução das vendas nas livrarias físicas (SNEL, 2021a). Este cenário denota uma mudança substancial em relação a anos anteriores, evidenciando a necessidade de adaptação das editoras e livrarias ao dinamismo do mercado e às novas demandas dos leitores. Diante disso, os brasileiros passaram a buscar alternativas mais convenientes proporcionadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), eliminando a necessidade de deslocamento físico. Apesar de dados indicarem uma diminuição no número de leitores entre 2015-2019 (Neto, 2020), há um incremento na indústria editorial, especialmente no segmento digital, impulsionado pela acessibilidade oferecida. Inicialmente, os livros digitais surgiram na forma de edições de bolso, concebidas visando o conforto do leitor, uma ideia pioneira de Aldus Manutius (2005) para seus alunos, substituindo volumes volumosos. Posteriormente, diante da crescente demanda, ele expandiu sua produção, oferecendo uma coleção de obras de bolso como objeto de estudo.

Oliveira (2005):

Sua grande contribuição foi popularizar o livro em todo o continente europeu. Seus livros saíam de Veneza e chegavam a quase todos os recantos europeus. Ele foi um dos grandes “dessacralizadores” do livro: graças a ele, o livro deixou de ser um objeto aristocrático e passou a ser uma importante ferramenta de estudo. (p. 3)

Deste modo, os livros de bolso se tornaram populares no século XVII nos países da Veneza, Inglaterra, França, sendo que, muitos deles passaram a ser vendidos em bancas de jornais para custear as longas viagens de trem Oliveira (2005). Assim, é perceptível que os livros foram aos poucos se adequando às necessidades, e com o objetivo acima de tudo, na acessibilidade, sobretudo ultrapassando barreiras culturais. Como destaca Logan (2012, p. 222), “Não vejo conflito entre o livro físico e a sua encadernação digital. Tinta sobre papel é, sem dúvida, o melhor meio de se ler um livro, especialmente caso se planeje lê-lo de cabo a rabo”.

Ou seja, o livro impresso não foi esquecido e muito menos abandonado, pois além da experiência ser diferente, ainda assim, existe o fator de possuir; colecionar e fazer presença nas estantes.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão, um estudo de revisão bibliográfica, caracteriza-se como um trabalho exploratório. Seu propósito é identificar artigos científicos, obras literárias e outras fontes relevantes que abordem o processo de aquisição da leitura nos anos finais do ensino fundamental.

De acordo com Lima e Mioto (2007):

A partir da escolha desses critérios, define-se a técnica a ser utilizada para a investigação das soluções. No caso da pesquisa bibliográfica, a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela

que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência. (p. 41)

A seleção desses critérios delinea a abordagem técnica a ser empregada na busca por soluções. No contexto da pesquisa bibliográfica, a leitura se destaca como a técnica primordial, visto que é por meio dela que se extrai informações e dados dos materiais selecionados, permitindo a análise das relações entre eles e a avaliação de sua consistência.

De acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica é uma abordagem que demanda uma cuidadosa seleção e análise de textos relevantes, os quais servem como base para a construção do conhecimento. Nesse processo, os dados teóricos são meticulosamente escolhidos e relacionados ao tema em estudo, proporcionando uma compreensão mais aprofundada e embasada sobre a questão em análise. Essa metodologia permite não apenas a familiarização com o estado atual do conhecimento sobre determinado assunto, mas também contribui para a elaboração de argumentos sólidos e embasados em evidências, enriquecendo, assim, o debate acadêmico e científico.

Para Gil (2008):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários. (p. 50).

Assim, a pesquisa bibliográfica se revela como uma valiosa ferramenta que proporciona uma ampla gama de informações e facilita a utilização de dados, enriquecendo a construção do conhecimento relacionado ao objeto de estudo. O presente estudo se caracteriza como uma revisão bibliográfica, cujo objetivo principal foi compreender o processo de aquisição da leitura nos anos finais do ensino fundamental. Para alcançar esse propósito, adotou-se como metodologia a revisão bibliográfica, embasada em obras de renomados acadêmicos, tais como Paulo Freire (1992), Isabel Solé (1998) e Luiz Carlos Cagliari (2002). Esta revisão abarcou fontes de grande relevância, como livros, artigos científicos, dissertações e monografias.

RESULTADOS

Os resultados da revisão bibliográfica revelam aspectos cruciais sobre o processo de aquisição da leitura nos anos finais do ensino fundamental. Primeiramente, destaca-se a identificação de dificuldades significativas no aprendizado da leitura por parte de muitos alunos nessa etapa escolar. Essas dificuldades podem estar relacionadas a diversos fatores, como deficiências na formação prévia e falta de estímulo adequado.

Além disso, a pesquisa enfatiza a importância vital da leitura na formação integral dos indivíduos, evidenciando seu papel não apenas na aquisição de conhecimento, mas também no despertar de emoções e na promoção de uma visão crítica do mundo. Nesse contexto, torna-se essencial promover o estímulo à prática da leitura desde os primeiros anos de vida, visando o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes.

Outro ponto relevante é a necessidade premente de promover debates e reflexões entre professores e demais profissionais da educação sobre as diretrizes que visam melhorar o ensino da leitura. Espaços de discussão são fundamentais para identificar estratégias eficazes e superar as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem da leitura.

Por fim, a pesquisa ressalta a importância do papel do professor como mediador no desenvolvimento da habilidade de leitura dos alunos. Cabe ao educador criar um ambiente propício para a prática da leitura, oferecendo uma variedade de textos e estimulando o interesse dos estudantes. Essa abordagem visa não apenas melhorar o desempenho acadêmico, mas também promover a formação de cidadãos críticos e conscientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo ressaltam a importância do tema do aprendizado da leitura nos anos finais do ensino fundamental e a necessidade contínua de reflexão e aprimoramento das práticas pedagógicas. A leitura é uma habilidade fundamental que impacta diretamente não apenas o desempenho acadêmico dos alunos, mas também seu desenvolvimento pessoal e social. Portanto, é fundamental investir em estratégias e políticas educacionais que promovam o acesso à leitura e estimulem seu desenvolvimento desde as primeiras etapas da escolaridade.

Além disso, este estudo destaca a importância do envolvimento e colaboração de todos os atores envolvidos no processo educacional, incluindo professores, gestores escolares, famílias e comunidade. A construção de uma cultura de leitura sólida requer um esforço conjunto e uma abordagem integrada, visando criar um ambiente propício para o desenvolvimento das habilidades de leitura dos alunos.

É fundamental também reconhecer que a promoção da leitura vai além do contexto escolar e envolve ações e iniciativas em diversos âmbitos da sociedade. Políticas públicas, investimentos em bibliotecas públicas, incentivos à produção literária nacional e o acesso facilitado a recursos de leitura são medidas essenciais para ampliar o acesso à leitura e democratizar o conhecimento.

Por fim, cabe ressaltar que a promoção da leitura não se trata apenas de uma questão educacional, mas também de um direito humano fundamental. Ao investir na formação de leitores críticos e reflexivos, contribuimos para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática, na qual todos os indivíduos tenham igualdade de oportunidades de acesso ao conhecimento e à cultura.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

Enric Satué, *Aldo Manuzio - editor, tipógrafo, livreiro*, 2005. ISBN 85-7480-235-2

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1992.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál., Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

NETO, **Leonardo**. **2020 e o mercado dos livros**. *PublishNews*, 2020. Online. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2020/12/23/2020-e-o-mercado-dos-livros>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

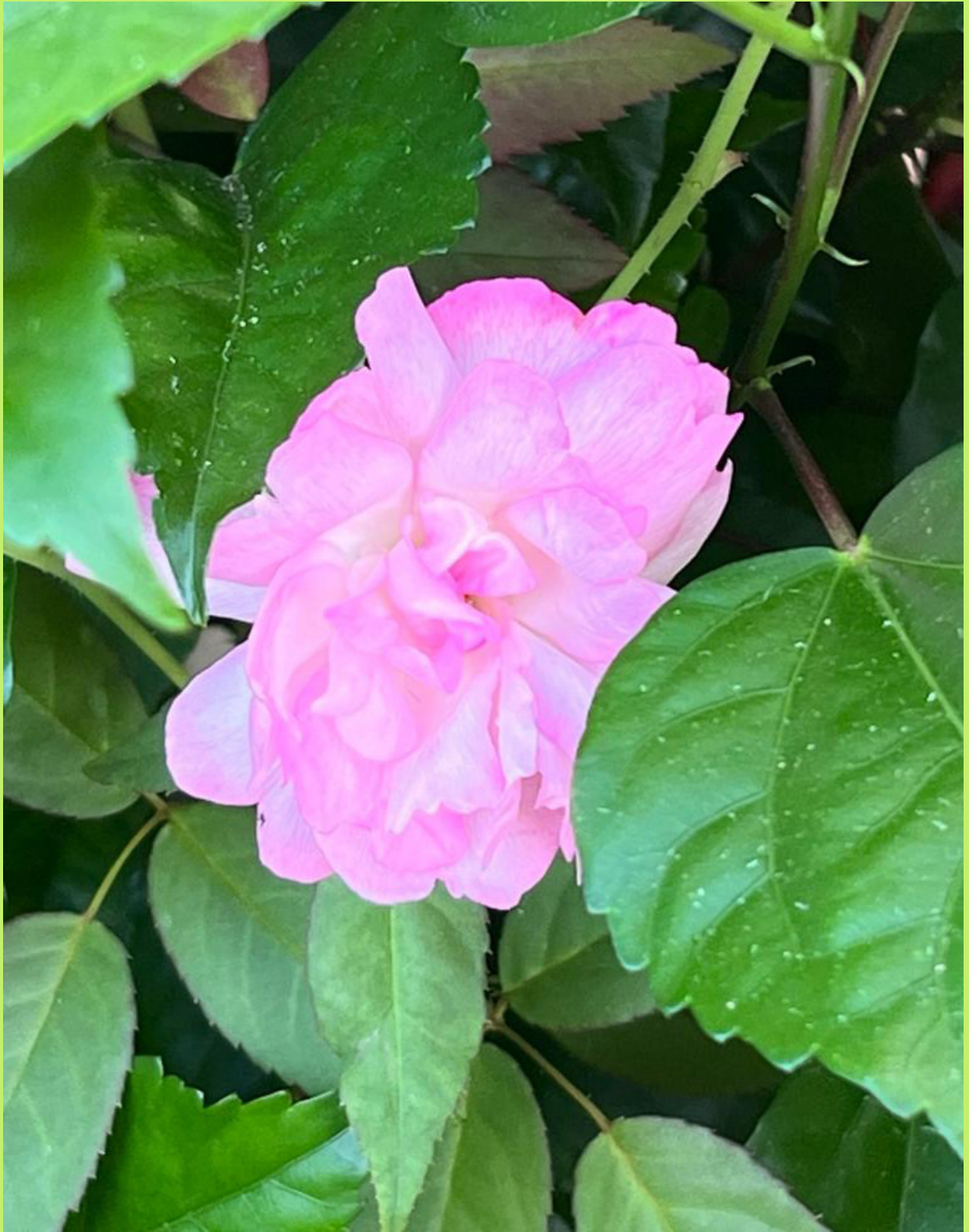
OLIVEIRA, Lívio Lima de. **A revolução da brochura: experiências de edição de livros acessíveis na Europa nos séculos XIX e XX**. In: Encontro dos núcleos de pesquisa, 5., 2005, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/59823932083541730844018081906961105177.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SNEL. Em ano marcado pela pandemia, subsetor de Obras Gerais registra aumento de 3,8% nas vendas ao mercado. **Indústria editorial como um todo encolhe 8,8%**: Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro ano-base 2020 aponta ainda crescimento relevante na participação das livrarias virtuais. *SNEL*, 2021a. Online. Disponível em: <https://snel.org.br/wp/wpcontent/uploads/2021/08/RELEASE_Pesquisa_Producao_e_Vendas_do_Setor_Editorial_Brasileiro_ano-base_2020-1.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LOGAN, Robert K. **“Que é um livro? Passado, presente e futuro: da tábua de argila ao SmartBook”**.
In: _____. *Que é informação?* A propagação da informação na biosfera, na simbiosfera, na tecnosfera e na
econosfera. Trad. Adriana Braga. Rio de Janeiro, 2012, p. 215-237.



Contos

Desarme

Marita habla pasado una noche de perros, casi sin dormir.

Primero fueron los duendes, o los fantasmas, esos que andan por la cocina y abren las puertas de los armarios para que de pronto salte algún paquete de fideos secos, de arroz o de galletitas y se estrelle en el piso.

El susto por el ruido no pasa a mayores pero la desvela.

Es entonces cuando se pone a pensar temas para un cuento, o le aparecen, se le ocurren, alguien, no sabe quién, le dicta al oído:

Etelvina, la araña dañiña, La guerra twittera, o La soledad de los trapos.

Cualquier título viene bien para empezar a escribir.

Etelvina es una araña que camina despacio pero acecha...teje su tela y sus ojos se mantienen abiertos...

La guerra twittera, táctica y estrategia de unos contra otros, quiénes son los unos y quiénes son los otros, le recuerda al film *Los unos y los otros* de Lelouch, Jorge Donn bailaba el bolero de Ravel ...

La soledad de los trapos, puede ser la soledad del vestuario en un camarín, cuando la función termina y las actrices y los actores se van.

Ahí aparece la soledad, los trapos colgados, abandonados hasta la próxima función. Solos como los títeres después de actuar hasta que algún títere cansado de esperar salta del estante y con un ademán les indica a los otros que lo sigan. Aprovechan la madrugada y el sueño del titiritero para salir de ahí y escapar.

La luz del amanecer se filtra por las maderas de la persiana, un aire fresco la obliga a cubrirse con una manta.

La escalera de luz se dibuja en la pared.

A esa hora no puede llamar a nadie, los que están despiertos empiezan a publicar en las redes sociales.

Es demasiado temprano para postear fotos, frases, alguna pintura. Siempre hay algo para publicar.

Lo peor de todo no es la noche pasada sin dormir sino lo que viene después: el vecino de arriba.

Los golpes, los martillazos, empiezan temprano.

Parece que al vecino, un hombre joven, con músculos desarrollados a fuerza de gimnasia y boxeo, con muchos tatuajes, se le ha ocurrido remodelar la cocina. El vecino siempre anda con el ceño fruncido. Marita sólo sabe que el vecino tiene una moto, vuelve de noche tarde a la casa, generalmente a la misma hora de siempre. Tal vez trabaje de noche, en seguridad o en algún local nocturno.

Escucha los ruidos del departamento de arriba, la música se escucha fuerte, también el sonido del agua cuando su vecino se baña.

Y en estos últimos días su vecino está rompiendo el piso, sacando los armarios con ayuda de alguien.

Hace días que Marita soporta el cadalso de los ruidos sobre su cabeza.

Hace días que piensa en subir y tocar el timbre del vecino y pedirle que empiece a trabajar a otra hora, que lo haga de tarde, que espere un poco.

¿Y si el hombre reacciona mal?

Porque hay mucha violencia y a nadie le gusta que le toquen el timbre para decirle que está haciendo algo mal. Puede ser que ese hombre le aseste un golpe, por presentarse en su casa.

Marita insomne es otra Marita, el insomnio es un viaje sin punto de llegada, es una noche de fantasía, fantasmas y oscuridad, también de duendes.

Durante la mañana Marita tiene cosas que hacer, como siempre.

Salir por las mañanas es una parte importante de su vida. Tomar un café, leer, caminar, hacer alguna compra.

La tarde es diferente, hay otra luz, otros ruidos. También se escucha el canto de algunos pájaros, otros, distintos a los del amanecer. A veces gritan las cotorras que cruzan de un lado al otro de los árboles, a veces grita también algún carancho. O puede ser algún buitres de esos que acechan a las palomas.

Tendida en el sofá intenta dormir, recuperar unas horas de sueño nocturno.

Sin embargo, nada de eso ocurre.

El vecino comienza ahora con una sierra eléctrica, hace un ruido infernal.

Parecería que las paredes estuvieran moviéndose.

Es hora de enfrentarlo, de subir un piso, tocar el timbre y decirle que termine con esos ruidos molestos.

Hacer un pacto, un acuerdo, si me avisa los días y las horas, me voy de casa, en esas horas estaré afuera.

Eso le va a proponer.

Sube la escalera.

Ensayo una media sonrisa, una expresión canchera y toca el timbre.

Toca una vez, dos, tres veces.

Nadie parece escuchar.

Después golpea la puerta.

Se escuchan pasos, el tintineo de unas llaves.

La puerta se abre.

En lugar de salir el hombre robusto y musculoso, aparece un pequeño perro, un Chihuahua de color negro, tiene una capa de paño color rosa y un brillantito pegado en la cabeza.

La imagen del perrito que tiene al lado de sus pies ahora la retrotrae a otra etapa de su vida, cuando era muy joven y alguien depositó en sus manos un perrito igual a ése, un cachorro.

¡Qué feliz que era! Cuántas ganas de vivir y hacer cosas tenía! Se veía a sí misma con el perrito que alguna vez tuvo en sus manos.

Marita se quedó callada por unos instantes hasta que apareció en primer plano el vecino.

-¿Sí? preguntó el hombre

-Soy la vecina de abajo, dijo Marita.

El hombre la miraba con curiosidad.

El perrito empezó a correr por el pallier, Marita intentaba agarrarlo.

Los argumentos que había preparado para increpar a su vecino se le habían desarmado.

Nada, dijo Marita, no tiene importancia, me confundí de piso, su perro se parece mucho a uno que tuve antes.

© Araceli Otamendi

Araceli Otamendi (Quilmes, Provincia de Buenos Aires) vive en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires desde los 9 años. Graduada en la carrera de Análisis de Sistemas (Universidad Tecnológica Nacional – Fac. Regional Buenos Aires). Cursó estudios de literatura principalmente en el taller de Mirta Arlt. Es escritora y periodista, dirige desde hace veintidós años las revistas digitales de cultura Archivos del Sur y Barco de papel.

Publicó las novelas policiales Pájaros debajo de la piel y cerveza – Premio Fundación El Libro a escritores noveles 1994 y Extraños en la noche de Iemanjá. En 2000 su antología de escritores hispanoamericanos Imágenes de New York fue presentada en el Centro Rey Juan Carlos I de NYU, New York.

Es traductora, tradujo a varias escritoras y escritores brasileños. Publica habitualmente en revistas y suplementos literarios de Argentina y de otros países.



Átila Motta

Vindo diretamente do esgoto da vida, sobrevivendo de pequenas migalhas, fugindo de todos, muitas vezes se tornava visível, mas na maioria das vezes não era assim.

Percorrendo diferentes espaços e vivendo em vários lugares diferentes, não era um nômade, mas sim apenas mais um sobrevivente.

Tinha medo, muito medo, de quem quer que seja, mas seu medo não irá impedi-lo de continuar. Só queria ser notado, só queria mesmo ser querido, mas quando notam sua existência, era para eliminá-lo.

Ele observa calmamente o cachorro em sua frente, com seus passos lentos, analisando tudo e a todos friamente. Gotas de chuva caem e trazem consigo apreensão, ou nem tanto. Já não se importava tanto com a chuva, na verdade, não se importava com nada. Só queria comer, sobreviver e então viver.

Cada respiração profunda que dava significava mais um motivo para viver, era o que bastava para ele, apenas respirar. Respirar para saber que estava vivo, saber que não era só a fome que o fazia se mover. Olhava para os seus semelhantes, alguns como ele, só estavam sobrevivendo, outros tiravam de outros para não morrer, mas o que dava mais gosto era roubar dos que estavam “acima” deles.

Mas, na verdade, não sabiam nem tanto o que era felicidade, afinal, eles só estavam ali por um capricho certo? Não eram nada mais que seres vivos que nasceram por acaso num mundo “escolhido” apenas por alguns. Eles eram diferentes, e o diferente não podia jamais ter voz, presença, muito menos aparência e nome.

Eram simples corpos que se tornavam incômodos para muitos e indiferentes para os outros. Restos, sim, talvez eram restos, residindo no mais célebre paraíso, a sociedade humana, não estavam nem sequer presos na menor posição da pirâmide, pois só podiam assisti-la.

Ao seu lado, um cachorro de rua se aproximava, e ele imaginava se tinha boas novas para contar. De repente, avistou um alvo, mais uma casa para ele roubar. O ser humano era “formoso” e parecia um tanto generoso, por isso aquela casa ele podia vigiar. Seguia-se esgueirando pelos esgotos da vida, fugindo de cada lesminha que encontrava em seu caminho.

Todos os ratos não eram seus rivais, mas todos podiam se tornar em um segundo, se pudessem visualizar o homem. Ele contava com o simples capricho da sorte, pois ela era a única garantia de sua aparente sobrevivência.

Monitorou com clareza o seu já prescrito rival, assinado fixamente por suas retinas, que olhavam bem vagamente, que esse era o cara certo. Passando pelas cruéis ruas noturnas, seguindo calmamente um indivíduo.

Cada passo dado era digno de calma e frieza, até que o homem finalmente entrou em sua casa.

Isso foi suficiente, alojados em um estádio próximo ao local, embarcado numa inestimável escuridão, o rato desistiu de seu maior artifício e trunfo, para sobreviver diante daquele que comandava a cadeia alimentar em territórios de concreto.

Sim, ele deixava de ser invisível naquele momento, em prol de um objetivo maior, sim, ele queria viver, por isso não poderia jamais deixar de comer.

Ele roubou o homem, uma, duas, três vezes, que iam aumentando cada vez mais enquanto incontáveis desejos surgiam em sua mente.

Fugia do homem, dos ratos e de todos os outros seres vivos que encontrava, ele não era mais invisível, ele era apenas mais uma ameaça.

O rato se juntou ao número, um largo número que atingia continuamente a selva de concreto.

Um criminoso, uma celebridade inestimável, um ser vivo que tinha um palco que muitas vezes não queria. Mas nunca era um palco indigesto, afinal de contas, agora ele existia.

Ele não tinha nome, muito menos identidade, não era nada, e muito menos era tudo. Ele era sempre o rato, como outros ratos, e assim como qualquer outro, fazia o seu «trabalho» para sobreviver. Mesmo sem crescer e de fato: viver.

Sem nós

Julio de Assis – Conto – Até 59 anos

Como quem cata feijão, separando lentamente os grãos, analisando, com olhos e mãos, um a um, distinguindo os bons dos ruins, os aproveitáveis dos inaproveitáveis, assim repasso na memória vivências, me pego ouvindo frases de outrora (“Deixa de estar esburacando o muro...”) e me assusto com os ecos do passado retinindo em meu cérebro, apertando meu peito, sufocando-me, tirando-me o ar e deixando uma camada pesada de melancolia sobre mim. São instantes que vão e vem feito as fortes ondas do mar num dia de ressaca... me tragando para o fundo, com força; fecho os olhos e vejo duas crianças ao pé do muro, eu riscava com força, munida de um prego rabiscava com força as letras que compunham meu alfabeto sentimental. B E N T O E C A P I T O L I N A.

Revejo no espelho da lembrança a rua de Mata-cavalos e seus doces momentos. Tocando-os com os olhos marejados de romantismo idealizo os dias felizes, apago os tristes, camufo os conflitos e exalto as alegrias; repasso as traquinagens da infância e sorrio; os jogos e brincadeiras avivam as disputas que travávamos; havia dias de disputas amáveis, outros de acirradas contendidas, mas no fim das contas o que queríamos era a presença um do outro; vivíamos imersos num constante faz de conta, imaginávamos o futuro e este, grandioso, era só felicidade; os medos, ingênuos ou não, deixávamos de fora da moldura na qual enquadrávamos nosso futuro.

Hoje, após tantos anos vivendo longe de casa, nesse clima totalmente diferente aqui da Suíça, ainda guardo comigo a dor de não ter vivido o amor que sonhei e como o sonhei. Os projetos de vida que traçamos juntos se perderam, ficaram opacos, sem cor, sem forma... foram tingidos com o cinza da amargura.

O amor que tanto encheu de brilho meus primeiros anos se rompeu, você desatou as pontas que nos ligavam; unidos, éramos felizes; sozinhos, o que restou de nós? Onde foram parar as pontas que nos envolviam, que nos atavam: nós... e pensar que tudo aconteceu a partir de um olhar... eu vi sem querer ver, eu olhei sem querer olhar, mas o que vi mexeu não apenas comigo e sim com todos nós, foi porque olhei que, aos seus olhos, fui transformada numa pequena vilã, numa vil e infame menina de 14 anos... foi numa daquelas tardes fagueiras em que brincávamos, como muitas vezes fazíamos, de transformar minhas bonecas em pacientes suas, era no quintal de casa e você pediu que eu cruzasse a porta que separava nossas muralhas para ir até sua casa pegar o bengalão que usava imitando o doutor João da Costa, eu entrei correndo, fui direto ao seu quarto mas, num ínfimo movimento de cabeça, enquanto passava correndo pelo corredor, eu olhei em direção ao quarto da sua mãe.

Não consigo até hoje saber o que motivou o meu movimento de cabeça, se um som, uma nesga de luz, uma lufada de vento... verdade é que olhei, talvez por impulso, talvez por curiosidade, não sei, não sei, apenas guardei na memória o pequeno quadro da minha desgraça: sua mãe e José Dias num beijo apaixonado, ao passar correndo achei que tivesse me equivocado, que na verdade o que vi foi unicamente o balançar da cortina, ou quem sabe a sombra desta; talvez não tenha visto nada, apenas sua mãe admirando a paisagem e toda a excitação da corrida tenha sugerido que vi algo.

Apenas o tempo foi, de pouquinho em pouquinho, me revelando que o que enxerguei foi a verdade, que não havia dúvida, era sim aquele quadro desenhando num átimo em minhas retinas o que eu vi e que serviu de

alimento para que José Dias criasse para você uma outra eu, uma Capitu estranha, estranhíssima. Percebi tarde como as palavras dele é que foram construindo uma Capitu outra que não eu; como um contador de histórias sem muita criatividade ele criou para você uma Capitolina que não fui capaz de enxergar a tempo.

Foi tão somente com o correr dos anos, com o contínuo crescimento dos seus ciúmes, fruto, quem sabe, da sua grande insegurança, que me dei conta de que a mulher apaixonada, decidida, carinhosa, preocupada, insistente e corajosa que me tornei e que já habitava a menina da rua de Mata-cavalos nunca foi percebida integralmente por você. Não, você não via, Bentinho, não enxergava; olhava sem ver, com seus olhos retos e sem profundidade o que você via, se via, era tão só o que lhe desenhavam, o que te ditavam feito ditam palavras a uma criança sendo alfabetizada, você, Bentinho, era e sempre foi um analfabeto sentimental, alguém fraco de caráter e esse foi o alicerce da nossa ruína. Sua fraqueza permitiu sua desgraça, nossa desgraça, nossa perdição e nosso fim.

Por isso nós não conseguimos manter na vida adulta a rica e feliz relação que construímos na infância; todos os esforços e dedicação, toda a espera e saudade, todo o amor e o desejo que nos fez esperarmos pacientemente sua passagem pelo seminário e faculdade, nada disso valeu a pena quando visto do presente, nesse presente vazio onde nos encontramos agora; assim, tristes, distantes no espaço e no próprio tempo dos sentimentos, nós ficamos invisíveis um para o outro, eu não consigo ver no Dr. Bento Santiago o jovem de cabelos cacheados que tanto me encantava, sempre ingênuo e inseguro, querendo agradar, sendo alegre, divertido e medroso, o Betinho que tremia ao menor sinal da presença de um adulto que pudesse nos flagrar de mãos dadas ou numa singela troca de beijos... onde foi parar esse menino? Em que esquina das estradas da vida ele ser perdeu? Nós éramos... não, não há mais nós, sobrou apenas o silêncio, o vazio, as pontas que uniam nossas vidas se romperam, estão soltas, dispersas, foram cortadas pela faca do tempo, e assim ficamos, sós e sem nós.

Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, casado com a Katerine, pai do Henrico e professor da rede pública. Acredito no poder transformador da literatura à medida em que ela muda individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos e tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas.

Não tenha medo de viver

A vida é uma jornada cheia de incertezas e desafios, mas também é uma jornada cheia de beleza, amor e possibilidades. E embora seja natural ter medo do desconhecido, não devemos deixar que o medo nos impeça de viver a vida ao máximo.

O medo é uma emoção poderosa que pode nos paralisar, nos impedir de tomar riscos e de seguir nossos sonhos. Mas o medo também pode ser um professor, um lembrete de que devemos estar sempre alertas e preparados.

A chave é aprender a controlar o medo, a usá-lo como uma força motriz em vez de um obstáculo. Pois quando superamos nossos medos, nos tornamos mais fortes, mais resilientes e mais confiantes.

Não tenha medo de viver. Não tenha medo de amar, de sonhar, de falhar e de tentar novamente. Pois a vida é curta demais para ser vivida com medo.

Abrace a incerteza, aceite os desafios e viva cada dia como se fosse o último. Porque a vida é uma aventura, e as melhores aventuras são aquelas que nos tiram da nossa zona de conforto e nos levam a novos patamares.

Não tenha medo de viver. O mundo está esperando por você.

Aqui estão algumas dicas para superar o medo e viver a vida ao máximo:

Enfrente seus medos de frente. Não tente evitá-los ou ignorá-los. Quanto mais você enfrentar seus medos, mais fracos eles se tornarão.

Comece pequeno. Não tente superar todos os seus medos de uma só vez. Comece com pequenos passos e vá aumentando gradualmente.

Concentre-se no positivo. Em vez de pensar em todas as coisas que podem dar errado, concentre-se nas coisas que podem dar certo.

Visualize o sucesso. Imagine-se superando seus medos e alcançando seus objetivos. Isso ajudará a construir sua confiança e motivação.

Busque apoio. Se você estiver lutando para superar seus medos, não hesite em procurar ajuda de um amigo, familiar ou terapeuta.

Lembre-se, o medo é uma parte natural da vida. Mas não precisa nos controlar. Podemos aprender a superar nossos medos e viver a vida ao máximo. Então, não tenha medo de viver. O mundo está esperando por você.

Daniel Bezerra

Um autista na polícia

Eduardo Martínez

Mal cruzo o portão do pátio, percebo uma enorme aglomeração diante do antigo prédio da delegacia. Viaturas com aquelas luzes ligadas, num infinito giro. Estaciono na mesma vaga de sempre, debaixo de uma mangueira. Desligo o carro e espero alguns minutos. Preciso encarar aquele martírio mais uma vez.

Meu nome é Roberto Matos, mas meus colegas me chamam simplesmente de Beto. Não que sejamos íntimos, mas, talvez, o longo convívio os tenha enganado sobre isso. Na verdade, isso é apenas um detalhe sem importância, já que nem ligo se me chamam de Beto, Roberto, Matos ou qualquer outra alcunha.

Há quase 20 anos, certamente por um momento de insensatez, me tornei inspetor de polícia. Deveria ter seguido meu caminho de técnico de informática em outro órgão, onde meu dia a dia fosse apenas de computadores e a minha mente. É verdade que teria que conviver com vozes de outros funcionários, mas nada que se compare ao rebu que sou exposto nesses infernais plantões.

Para você, que talvez desconheça como é a minha rotina, vou fazer uma breve exposição. Como mencionei, sou plantonista e, por isso, sujeito à escala, que, no meu caso, se dá da seguinte maneira. Entro às 8h e saio às 20h desse mesmo dia. Volto para casa e, no dia seguinte, entro às 20h e fico até as 8h do próximo dia. Daí, volto para casa e descanso por 72h e, assim, sucessivamente até me aposentar ou, então, que eu não consiga mais suportar tal situação.

Moro relativamente perto do trabalho, o que faz com que eu chegue em no máximo 30 minutos, dependendo do trânsito. Meus colegas me dizem que acordam por volta das 7h, tomam café da manhã, entram debaixo do chuveiro e, sem se apressarem, chegam à delegacia no horário ou, no máximo, 15 ou 20 minutos após. Não consigo fazer o mesmo.

Demoro a pregar os olhos já na noite anterior e coloco vários alarmes no meu celular, sendo o primeiro às 2h e, os subsequentes, a cada 20 minutos. Ergo meu corpo e vou direto para a cozinha, onde espremo dois limões em um copo de vidro. Completo com água e bebo.

Logo em seguida, começo a erguer meu corpo na barra fixa à porta que divide a cozinha e a sala. São inúmeras repetições, que fazem com que minha mente comece a concatenar as ideias. E, entre uma sessão e outra, assim que se passam 30 minutos, escovo os dentes.

Retorno para a cozinha, onde coloco água na mesma panela e a deposito sobre a mesma boca do fogão. Volto a erguer meu corpo na barra fixa e, antes que a água ferva, eis que coloco três colheres cheias de pó de café coador de pano de sempre. Não demora, o café está pronto.

Despejo um pouco na mesma xícara, que conhece meus lábios há anos. Meus pensamentos começam a se organizar com mais desenvoltura. Mentalmente planejo as próximas ações, enquanto a garrafa térmica cospe suas últimas gotas. Hora de tomar banho.

Depois do banho, escovo os dentes novamente, enquanto observo meu rosto magro, olhos profundos, como se quisessem entender aquele homem que os encara. Nenhuma palavra, apesar da umidade que, não

raro, escorre por sua face.

Eis que, ainda dentro do automóvel, tento postergar outro dia de sofrimento. Mais alguns minutos, preciso abrir a porta e encarar aquilo tudo. Passo por um colega, que está saindo do plantão. Ele me cumprimenta e eu, sorridente, digo algo amigável. Prossigo no meu papel e, finalmente, coloco os pés na delegacia. Vozes ensurdecedoras ao meu redor. Se elas soubessem o que se passa na minha mente, certamente se calariam.

Sento na mesma cadeira de sempre, em frente ao primeiro computador da direita, ao lado da porta de grade. Antes que eu tenha chance de ligar o computador, alguém se aproxima e me pergunta se estou livre. Esboço um sorriso, enquanto a mulher, praticamente da minha idade, se senta e começa a tagarelar. Falo para ela aguardar um pouco até que eu ligue o computador.

A mulher, impaciente, tenta puxar conversa, enquanto eu procuro me fixar na tela, que demora a dar sinais de vida. Finalmente, as primeiras luzes brilham e sou transportado para um dia de sol na praia do Perú, onde costumava passar os verões nos longínquos anos 1970. Não sei quanto tempo fico nesse devaneio, até que alguém me toca no ombro. É o Sousa, policial da equipe que está saindo.

—Beto, você pode trocar o plantão noturno da sexta pelo noturno de domingo?

—Preciso ver nas anotações que estão no carro. Me mande uma mensagem, que te respondo mais tarde. Pode ser?

Sousa é um dos poucos que parou de me torrar a paciência para arrumar uma agenda eletrônica, que pode ser instalada no celular. Ele me dá um leve toque no ombro e nos despedimos, cada um com um sorriso, sendo o dele muito mais franco do que o meu.

Volto os olhos para a tela. O computador, ao contrário de mim, parece estar pronto para mais um dia de trabalho. Respiro fundo e começo a atender a primeira cliente do dia, que promete ser ainda mais doloroso.

Depois de ouvir todas as lamúrias da mulher à minha frente, chegam dois homens se acusando mutuamente sobre um golpe de um site de vendas da internet. Enquanto tagarelam, procuro me concentrar em algo mais prazeroso, o horizonte. No entanto, um homem esquelético encosta na porta de grades e me pergunta se o inspetor Lima já havia chegado. Respondo que ele só viria à tarde.

Volto minha atenção aos dois homens, que não param de discutir, até que peço para que os dois se sentem. Explico que eles eram vítimas, e que o golpista era outro, que provavelmente estava em outro estado. Eles me olham com cara de incrédulos, até que os dois se viram para mim e perguntam quase ao mesmo tempo: «O senhor também já caiu nesse golpe?»

Olho para aqueles rostos coléricos e respondo que não, mas conhecia como o golpe funcionava, tamanho o número de vezes que havia registrado situações semelhantes. Levo quase uma hora para terminar o boletim de ocorrência. Os sujeitos, agora mais calmos, agradecem e saem conversando amigavelmente. Não duvido que, dali, foram tomar uma cerveja.

Meu dia ainda estava longe de terminar. O próximo cliente é um senhor de quase dois metros, uns cento e não sei quantos quilos. Ele se senta e minha mente não para de imaginar que, logo, a cadeira não aguentará tanto peso e o homenzarrão desabarará no chão frio da delegacia. Instintivamente, levo as mãos aos ouvidos, mas nada acontece. A cadeira tem lá seu mérito. Apesar de capenga, parece ser de bom material.

Pergunto para o homem qual o motivo de sua ida à delegacia. Antes não tivesse perguntado e, melhor ainda, antes tivesse mantido as mãos nos ouvidos. A sua voz me reporta a uma araponga. Não consigo prestar atenção nas palavras, mas apenas no irritante som. Quero fugir dali e, então, me levanto e digo que preciso ir ao banheiro.

Levo não sei quanto tempo, até que, recomposto, retorno. Por sorte, o Geneci, colega de equipe, estava atendendo o senhor Araponga. Afinal, o sujeito queria apenas registrar o extravio da sua carteira de motorista. Mal me sento, o Geneci entrega o boletim de ocorrência para o cliente, que agradece e, ainda bem, sai para bater asas em outras paisagens.

Outras tantas situações caóticas acontecem ao longo do expediente. Finalmente, é hora de recolher os trapos e voltar para o meu refúgio. Entro em casa, minha mulher me pergunta como foi o plantão. Não tenho vontade de responder, mas me esforço para sorrir. Beijo-lhe a face e me sento no sofá por quase meia hora.

—Vai tomar banho agora, Beto?

Levanto meu corpo carcomido e vou em direção ao banheiro. Debaixo do chuveiro, volto meu rosto para a água que cai morna. As lágrimas são levadas, nem sei se foram notadas pela minha esposa, que está ali com a toalha na mão. Saio do box e Laura me cobre como se eu fosse um bebê. Ela me beija os lábios e me diz: “Vai ficar tudo bem. Eu te amo!”

Biografia: Eduardo Martínez nasceu na cidade do Rio de Janeiro, possui formação em Jornalismo, Medicina Veterinária e Engenharia Agrônômica. Autor dos romances “Despido de ilusões” e “Raquel”, além de várias participações em coletâneas de contos e crônicas.



O Jovem Coelho

Ítalo Rafael Lima Dourado

No palácio do Jovem Coelho os seus pais lhe davam tudo que ele desejasse. Contrataram até um gênio da lâmpada para atender todos os seus pedidos, porém, o Jovem Coelho só almejava um: Que seus pais lhe dessem mais atenção.

Ao ganhar o gênio da lâmpada de aniversário, no início, ele ficou extremamente feliz e satisfeito. Naquele momento, ganharia também um amigo com quem pudesse compartilhar seus interesses e brincadeiras, sobretudo, porque estava enjoado de provar tantos sabores de sorvete na sua cozinha particular e não poder dividi-los com mais ninguém. O jovem peludo só não iria repartir o de cenoura com mel.

Contudo, como a vida não é só feita de cenouras e mel. Ao perceber que o gênio sumia assim que realizava a sua vontade e que até elas tinham um período curto de duração, o pequeno príncipe peludo descobriu a verdadeira intenção maldosa dos pais, de que o presente, o gênio da lâmpada, era somente um auxiliar para saciar sua solidão e carência e assim deixar seus pais em paz.

Ele chorou tanto ao descortinar as verdadeiras intenções dos seus pais - *fingidos* - reclamou sozinho, que assustou as pombas sobre a árvore, às quais fugiram uns das outras e decidiu se tornar um mal aluno na escola. Vivia fora de sala e às vezes andava cabisbaixo. Quando estava em sala, respondia com ignorância os professores. Porém, a diretora da escola, a fada da infância, foi avisada pelas pombas que o Jovem Coelho agia daquela forma por ter descoberto a finalidade do gênio da lâmpada. Ele não era um amigo, mas sim um outro serviçal. A história tocou os sentimentos da diretora fada que conversou com os pais do jovem coelho. Eles sentiram tanta pena do filho e aborrecidos de si mesmos que resolveram mudar a relação com o pequeno e assim os pais do príncipe peludo voltaram a lhe dar atenção e amá-lo.

Garotos de 9 anos constroem máquinas do tempo para explorar o futuro, já o Marquinho, com o coração repleto de emoções, viaja a bordo de um lápis e algumas folhas de papel.

Nas asas da imaginação, vislumbra o Rio de Janeiro e surpreende-se com suas vivências de adulto, rodeado de amigos falando de teatro e cinema; criando músicas e poesias. No coração, a certeza de não ser imortal conecta-se com o dom de tornar-se eterno enquanto durar; encanta-se ao avistar na praia, uma garota que passa num doce balanço a caminho do mar.

Atraído pelas Letras, observa-se em uma grande universidade, em outro cenário torna-se diplomata, mas não é aceito por muito tempo por manifestar-se contra o regime político da época. Nesse fantástico itinerário, volta no tempo e curioso depara-se exercitando seus talentos na banda da escola e no coral da igreja, fontes de futuras inspirações.

Em seguida enobrece-se ora em palcos iluminados, ouvindo os aplausos do público, ora em grandes festivais de música e de literatura, acompanhado por belas mulheres que fariam parte de sua história; firmando parcerias com profissionais incríveis.

De repente os papéis caem da sua mão trazendo-o de volta. Marquinho, extasiado, respira fundo e lembra-se que ainda mora em uma casa muito engraçada, vivendo a infância. Então, pega o lápis para conjugar o verbo no infinito ao seu primeiro amor. Aquietada-se por mais um instante e em júbilo sussurra “sou um poetinha!”.

A Dança das Sombras

Matile Facó

Era uma noite como qualquer outra na pequena cidade de Marélin, envolta pela névoa que parecia emanar do rio que a cercava. As ruas estreitas eram iluminadas apenas pela luz fraca dos lampiões, lançando sombras dançantes nas paredes de pedra das casas antigas.

Era nessa noite que Olivia, uma jovem sonhadora com olhos cheios de esperança, decidira aventurar-se além dos limites da cidade. Ela ouvira falar de uma antiga floresta encantada, onde se dizia que criaturas mágicas dançavam sob a luz da lua cheia. Determinada a descobrir a verdade por trás das lendas, Olivia partiu em sua jornada, com o coração pulsando de excitação.

À medida que adentrava a floresta, Olivia sentia uma energia estranha no ar, como se estivesse sendo observada por olhos invisíveis. Ela avançou cautelosamente, os galhos retorcidos das árvores parecendo se mover ao seu redor, como se estivessem vivos. E então, à distância, avistou uma luz bruxuleante entre as árvores, atraindo-a como uma mariposa para a chama.

E foi assim que Olivia chegou ao coração da floresta, onde a lua brilhava em todo o seu esplendor, iluminando um claro coberto de flores coloridas. E ali, no centro do claro, ela viu as criaturas das lendas, dançando ao som de uma música misteriosa que parecia ecoar pelos recantos mais profundos da floresta. Com os olhos brilhando de admiração, Olivia juntou-se à dança, perdendo-se na magia do momento.

Enquanto dançava entre as sombras dançantes, Olivia sentia uma sensação de liberdade que nunca havia experimentado antes. As criaturas mágicas ao seu redor pareciam aceitá-la como uma de suas próprias, e ela se entregou completamente à dança, deixando para trás todas as preocupações e medos que a haviam assombrado anteriormente.

Mas, à medida que a noite avançava, Olivia começou a perceber algo estranho no comportamento das criaturas ao seu redor. Seus sorrisos pareciam forçados, seus olhares fugidios, como se estivessem escondendo algo dela. E quando ela tentava se aproximar para conversar, eles se afastavam rapidamente, como sombras desaparecendo na escuridão.

Intrigada e um pouco assustada, Olivia decidiu seguir uma das criaturas quando ela se afastou do grupo, desaparecendo entre as árvores. Ela avançou silenciosamente, seus passos sendo abafados pelo tapete de folhas caídas sob seus pés. E então, ela avistou algo que a fez parar de respirar por um instante: um portal, brilhando suavemente na escuridão da floresta.

Curiosa e um pouco temerosa, Olivia se aproximou do portal, sentindo uma estranha atração magnética que a puxava

para dentro. Ela estendeu a mão hesitante e tocou a superfície do portal, sentindo um formigamento elétrico percorrer sua pele. E então, sem pensar duas vezes, ela deu um passo à frente, cruzando a fronteira entre os mundos conhecidos e o desconhecido.

Do outro lado do portal, Olivia encontrou-se em um mundo completamente diferente de tudo que já tinha visto antes. Era como se estivesse em um sonho, onde as cores eram mais vivas, os sons mais nítidos e os cheiros mais intensos. Ela olhou ao redor, maravilhada com a paisagem exuberante que se estendia diante dela, com montanhas cobertas de neve ao longe e campos verdejantes se estendendo até o horizonte.

Mas não havia tempo para se maravilhar com a paisagem, pois logo Olivia percebeu que algo estava errado. O ar estava carregado de tensão, como se uma tempestade estivesse prestes a desabar sobre ela. Ela sentiu um arrepio percorrer sua espinha enquanto olhava ao redor, procurando por algum sinal de perigo.

E então, ela viu-os: criaturas sombrias e sinistras, emergindo das sombras como espectros da noite. Eles avançaram em direção a Olivia, seus olhos brilhando com uma fome selvagem que a fez estremecer de medo. Ela recuou, procurando desesperadamente uma rota de fuga, mas estava cercada por todos os lados.

Com o coração batendo descontroladamente em seu peito, Olivia lutou contra o pânico que ameaçava consumi-la. Ela sabia que precisava se manter calma, pensar com clareza e encontrar uma maneira de escapar antes que fosse tarde demais. E assim, com uma determinação feroz que queimava dentro dela como uma chama ardente, ela se preparou para enfrentar o perigo que a cercava.

A tensão no ar era palpável enquanto Olivia enfrentava as criaturas sombrias que a cercavam. Seu coração batia forte, mas sua mente estava focada, seus sentidos aguçados, pronta para enfrentar o desafio que se apresentava diante dela.

Com movimentos ágeis e precisos, Olivia lutou contra seus adversários, seus punhos voando no ar enquanto ela se defendia dos golpes que vinham em sua direção. Ela canalizou a energia mágica que fluía dentro dela, lançando feitiços poderosos que explodiam em rajadas de luz e calor, afastando as criaturas sombrias que se atreviam a se aproximar demais.

Apesar do medo que a consumia, Olivia não recuou. Ela sabia que estava lutando não apenas por sua própria sobrevivência, mas também pela segurança de todos os habitantes deste mundo encantado. E com cada golpe que desferia, ela sentia sua determinação crescer, sua coragem se fortalecer, até que nada mais importasse além da batalha que se desenrolava diante dela.

E então, quando a última das criaturas sombrias foi derrotada, Olivia caiu de joelhos no chão, exausta mas triunfante. Ela olhou ao redor, vendo os rostos gratos e aliviados dos habitantes do mundo encantado, que agora estavam livres do

mal que os havia ameaçado. E, enquanto a noite avançava e a lua brilhava no céu, Olivia soube que sua jornada estava longe de terminar.

Com o amanhecer, Olivia se despediu dos habitantes do mundo encantado, sabendo que seu destino ainda estava por ser escrito. Ela cruzou o portal de volta para sua própria realidade, carregando consigo as lições aprendidas e as memórias da jornada que havia vivido.

À medida que voltava para casa, Olivia refletia sobre tudo o que havia acontecido e o quanto havia mudado desde que partira em sua aventura. Ela percebeu que, embora o mundo pudesse ser cheio de desafios e perigos, também era um lugar de beleza e magia, onde os sonhos podiam se tornar realidade e os corações podiam ser curados.

E assim, enquanto o sol se punha no horizonte, Olivia olhou para o futuro com esperança e determinação, pronta para enfrentar o que quer que viesse em seu caminho. Pois ela sabia que, não importava o quão sombrio fosse o mundo ao seu redor, ela sempre carregaria a luz dentro de si, pronta para iluminar o caminho à sua frente. E com isso, ela seguiu em frente, pronta para novas aventuras e novas descobertas que a esperavam no horizonte.

Xerox

Agradeça a eletrônica: saíram recentemente fotos de arqueólogos no Egito, recuperando de debaixo d'água um pequeno documento que dificilmente daria mais de 7 páginas de word mais a imagem anexada, que porém precisava de uma pedra de quase meia tonelada para transporte. Compare isso com o papel ofício de agora, os microfimes que a empresa de seu pai ou avô tinha, e o pendrive ou cartão flash que você tem. Demoramos uns 4000 anos pra chegar a esse nível de compressão. Imagine a dificuldade de se chegar na papelaria naquela época e pedir a impressão de um trabalho da escola.

-Oi seu Amon. Vou querer imprimir a pesquisa sobre O Livro dos Mortos que o escriba-mestre passou. -

-Vai querer papiro ou granito? -

-Papiro. -

-Vão ser 40 rolos, e uma urna de jade pra guardar. Cada rolo sai por 20 onças de ouro, mais duas bolsas de crocodilo, pele de 5 leões machos, carne defumada de dez avestruzes, duas kebets de trigo debulhado e moído, mais 20 anos de trabalho de 10 servos pela tinta. A urna de jade é por conta da casa, sai de graça a cada 30 rolos. -

-Aí sai um pouco caro, minha família é meio pobre, da baixa nobreza. Não temos tantos servos em nossa região. -

-Vai no granito chapado mesmo, preto com baixo relevo de preto? -

-Acho que sim. Colorido sai caro, só uso pra tirar ilustração de trabalho de semestre. -

-Vou fazer na amizade, 15 onças de ouro, e o trabalho do mineiro e do entalhador por minha conta. -

-Poxa seu Amon, o senhor é broder! -

-Que é isso, menino, um dia um de vocês vira vizir ou encarregado lá em Tebas e vai lembrar de mim! -

-Lembrarei sim! A impressão sai quando? -

-5 dias pra tirar o bloco da pedreira, 3 pra trazer até aqui, 4 de entalhe, 2 pros ajustes finais. Daqui pra sua casa, com frete na sua conta, mais um dia. -

-Eu vou vir com meus servos buscar e levar pra escola quando tiver pronto. -

-Tudo bem. Mas faz um favor? -

-Faço, claro. -

-Não deixa passar o prazo não. Eu tenho um bocado de cliente que esquece os granitos aqui e enche minha oficina toda de material a entregar. Já fui até multado por causa do entulho.

-Tudo bem. -

O menino achou uma gráfica mais barata em outro bairro, deixou a impressão na loja de Seu Amon. O negócio dele, com os custos de armazenamento crescentes dos clientes que esqueciam encomendas, começou a fazer água. Anos depois acharam o que sobrou da pasta recusada dele. O resto é história.

Nicolas Rosa

NICOLAS, UM MENINO ESPECIAL!

Prof. Policarpo, Claudemir de Azevedo

Vamos embarcar juntos nesta jornada encantadora? Uma história maravilhosa, de um garotinho que nos inspira a viver por sua gratidão a vida e a todos que ama.

Nicolas é um menino especial, com um coração repleto de amor e uma mente repleta de cores e imaginação. Desde cedo, ele descobriu que via o mundo de uma maneira única, e isso o tornava especial. Seu avô, carinhosamente chamado de vovô Negão, compreendia e celebrava essa singularidade de Nicolas.

No jardim encantado de Nicolas, as flores não eram apenas flores; eram amigas que dançavam ao som do vento. As borboletas coloridas eram suas confidentes, que voavam ao redor dele enquanto ele desenhava suas histórias imaginativas. E a imaginação fértil de Nicolas o levava a mundos mágicos e aventuras inesquecíveis, sempre com o vovô Negão ao seu lado para compartilhar esses momentos especiais.

Apesar das dificuldades que Nicolas enfrentava em se comunicar e interagir como as outras crianças, ele descobriu na arte e na expressão criativa uma forma de se conectar com o mundo. Seus desenhos e histórias ganhavam vida em suas mãos e voz, transmitindo emoções e mensagens que tocavam os corações daqueles que o cercavam.

Com a ajuda do vovô Negão e do apoio amoroso de sua família, Nicolas encontrou sua voz única e cativante. Ele ensinou a todos a importância da inclusão, da empatia e da valorização da diversidade. Sua jornada inspirou pais, educadores e crianças a celebrar a beleza da individualidade e a apreciar a riqueza de perspectivas diferentes.

Em seus momentos de brincadeira com o vovô Negão, Nicolas sempre aponta para a própria cabeça com o dedinho e diz com entusiasmo: “Pensa nisto, pensa nisto!” Essa frase se tornou um lembrete carinhoso para que ambos explorassem juntos as ideias e pensamentos criativos que surgiam em suas mentes curiosas.

Essas palavras simples carregavam consigo a essência da imaginação de Nicolas e a sabedoria gentil do vovô Negão. Através dessa frase, eles compartilhavam um vínculo especial, estimulando um ao outro a explorar novas perspectivas e a enxergar o mundo de maneira única e cativante.

Essa história é um convite para todos nós celebrarmos a diversidade, abraçarmos a inclusão e nos encantarmos com a magia que reside em cada ser humano.

Reflexão do autor, sobre o conto:

“NICOLAS, UM MENINO ESPECIAL!”

A história de Nicolas e seu vovô Negão é uma celebração da individualidade, da empatia e da importância da inclusão. Ao acompanhar a jornada desse menino apaixonante, somos convidados a explorar um mundo de cores e imaginação através de seus olhos únicos.

Nicolas, um menino com autismo, encontra em seu vovô Negão um amigo e mentor que compreende e celebra sua singularidade. Juntos, eles exploram um jardim encantado, onde a imaginação fértil de Nicolas transforma flores em amigas dançantes e borboletas em confidentes coloridos. Através da arte e da expressão criativa, Nicolas encontra uma voz única para se conectar com o mundo ao seu redor, transmitindo mensagens de inclusão, amor e diversidade.

A frase “Pensa nisto, pensa nisto!” utilizada por Nicolas em suas brincadeiras com o vovô Negão simboliza a troca afetuosa de ideias e pensamentos criativos entre os dois, fortalecendo o vínculo especial que compartilham.

Essa história envolvente convida pais, educadores e crianças a celebrar a beleza da individualidade e a apreciar a riqueza de perspectivas diferentes. Ela inspira reflexões sobre empatia, compreensão e valorização da diversidade, ressaltando a importância de criar ambientes inclusivos e acolhedores para todos.

Através dessa narrativa comovente, buscamos promover a conscientização sobre o autismo, incentivar a empatia e inspirar a valorização das diferenças. E você, caro leitor, como se sente ao mergulhar nessa história tocante? Talvez você tenha suas próprias reflexões ou experiências para compartilhar sobre inclusão e empatia. E se quiser continuar explorando conteúdos inspiradores como esse, não deixe de conferir nosso próximo conto.

Prof. Policarpo, Claudemir de Azevedo

A ONÇA E O BABUÍNO EM UMA HISTÓRIA DE AMOR E ÓDIO

Prof. Policarpo, Claudemir de Azevedo

Era uma vez, em uma vasta savana africana, onde a majestosa onça-pintada reinava soberana. Ela era conhecida por sua beleza selvagem e pela destreza na caça. Por outro lado, o babuíno esperto e brincalhão, vivia nas copas das árvores, sempre buscando diversão e travessuras.

Um dia, durante uma tarde quente de verão, os destinos da onça e do babuíno se cruzaram de uma forma inesperada. A onça, em busca de uma presa para saciar sua fome, avistou o babuíno saltitando de galho em galho. Seus olhares se encontraram e algo diferente surgiu entre eles.

A onça, acostumada a ser temida e evitada, sentiu seu coração bater mais forte na presença do babuíno. Por sua vez, o babuíno, acostumado a brincar com perigos, viu naqueles olhos felinos um mistério que o intrigava.

Assim começou um estranho jogo entre amor e ódio. A onça tentava caçar o babuíno, mas suas investidas eram sempre frustradas pelas artimanhas do pequeno macaco. Por sua vez, o babuíno não conseguia resistir ao desafio de provocar a onça e testar seus limites.

Com o tempo, o sentimento entre eles foi evoluindo. A onça admirava a inteligência e agilidade do babuíno, enquanto este se pegava pensando na força e elegância da onça. Uma relação improvável florescia naquela savana.

E assim, entre perseguições e brincadeiras, a onça e o babuíno descobriram que o amor e o ódio muitas vezes andam juntos, em uma dança complexa de emoções. E mesmo sendo tão diferentes, encontraram um equilíbrio único que só eles entendiam.

No fim das contas, a savana nunca mais foi a mesma desde que a onça e o babuíno permitiram-se sentir algo além do que esperavam um do outro.

Reflexão do autor, sobre o conto:

“A ONÇA E O BABUÍNO EM UMA HISTÓRIA DE AMOR E ÓDIO”.

E, então, você gostou do conto? A história da onça e do babuíno nos mostra como os opostos podem encontrar um equilíbrio e viver uma relação única, mesmo que inicialmente marcada por desafios e diferenças.

A dinâmica entre a onça e o babuíno ilustra como, às vezes, os sentimentos de amor e ódio podem se entrelaçar, levando a uma compreensão mais profunda e a um relacionamento inesperado.

Se você gostou? se identificou com a história ou a achou interessante, não deixe de compartilhar com seus amigos! E, aproveite seu tempo livre para ler o próximo conto.

Prof. Policarpo, Claudemir de Azevedo

Caro leitor!

Esse autor tem o prazer de lhe contar as misérias de um casal da cidade de Paris.

Cecília e Eduardo são os veludos dessa sociedade atualmente capitalista e solitária; sem o consentimento de suas famílias esses jovens resolvem casar-se sem os rompantes de seus pais. Pois na sociedade que vivem encontram-se vigiados a cada passo que dão, mas encontram fuga para se encontrem às escondidas... pelo amor que sentem vale a pena correr esse risco, porém se uma só pessoa souber desse entrelaçamento estarão em apuros, visto que são os contra pontos da contemporaneidade.

Mas já dizia um velho parente de Eduardo, pelo amor vale todo o sacrifício, toda a dor e todo caos. Eduardo alto, olhos claros, pele viçosa. Cecilia pele branca como a neve, olhos negros como os chineses.

Esse galante casal se encontravam todas as tardes de quinta-feira no rol da escada da praça de Londres, escondidos entre a neve que caía do céu e o frio que se espalhava como fogo. Foi ali, naquela escada de ferro onde esses corações pungentes de amor ardente casaram-se no mais profundo segredo. Caríssimo leitor, já parou para pensar se ambas as famílias cautelosas e rigorosas soubessem desse entrelaçar de almas. Seriam ambos afastados, por que famílias são deveras tradicionais, tais casamentos são escolhidos como troca de moeda, apenas acordos comerciais.

As almas se entrelaçam avançam rumo a esse amor proibido, mas as aventuras desse amor podem ser as mais loucas possíveis, jovens carregam um pouco de loucura dentro de si.

Eduardo age como o senhor jovem educado e gentil; padre Cecília sempre vigiada pela sua mãe que nunca a deixa só.

As semanas passam como o vento despercebido e logo se aproxima o natal, época das famílias serem solidárias, mas não é o que acontece com os familiares desses dois apaixonados, elas rivais declaradas como vão ser solidárias, não é um data que vai mudar a ruptura que há. Penso que essas duas almas vão morrer sem o aconselhamentos dos pais; partiram sem sua benção. E é neste dia de natal, às vésperas da ceia, que Eduardo desaparece e ninguém o vê, saiu escondido pela janela aberta esquecida quase que de propósito. Cecília ficou triste e abalada pois soube pelos correios da notícia do desaparecimento de Eduardo; chorou...

Passaram dias e não houve uma notícia sequer de Eduardo, todos pensaram o pior e o pior de fato aconteceu. Encontram o jovem moço preso a um poste que ficava nas ruas perdidas

da cidade. Cecília não pôde ir ao seu velório, e como poderia se suas famílias eram hienas brigando por um simples prestígio na sociedade, chorou muito a pobre menina apaixonada pelo rapaz que se foi e não lhe deixou um adeus ou um beijo.

Senhor leitor, com certeza em sua vida já presenciou essa cena, ou você mesmo passou por ela.

Os dias passam com o vento que sopra a neve e a esbarra nas ruas pálidas. Assim como a neve de Paris chega ao chão, as lágrimas daquela singela alma lava os corredores de sua casa; torturada pela dor de perder seu amado, Cecília se trancafia em seu quarto e ali morre aos poucos.

Caro leitor, devo lhe contar por que Eduardo morreu, será que foi vítima de um assalto?

Confesso que imaginei isso, mas não é.

Eduardo apenas tirou a própria vida amarrado naquele poste, onde a neve e o frio o congelaram.

Senhor leitor, esse escritor chorou junto com Cecília nessa história e agora chora junto com você que a lê.



Crônicas

Precocemente, a partir dos dezessete anos de idade, herdei de meu saudoso e grisalho pai os primeiros fios de cabelos brancos. A ‘epidemia’ causadora da despigmentação dos fios castanho-escuros se espalhou e, hoje, eles figuram na lista dos passíveis de extinção. Há muitos anos, meus cabelos se tornaram quase totalmente brancos e, quando eu era jovem, destoavam de minha idade e aparência de então.

Também de meu velho, herdei um costume: ler. Por volta dos quinze, passei a ser um leitor voraz e depois dos muitos títulos lidos, brotou-me o desejo de criar meus próprios textos. Crônicas e contos são as categorias que mais me arrisco, mas, vez ou outra, trafego pela literatura infantil e infantojuvenil, normalmente, explorando, de forma lúdica, temas ambientais.

Nos lançamentos de meus livros, conto com a presença de familiares, amigos, amigos dos familiares, amigos dos amigos, e alguns poucos curiosos que passam pelo local e entram pra saber do que se trata. Caminho, pois, devagar e sempre, nessa trilha.

No rol de meus leitores, há um casal de amigos, que logo na primeira gestação, ganhou um casal de gêmeos.

Certa feita, na escola em que as crianças estudavam, organizou-se um chá literário. A coordenação pedagógica da instituição escolheu Ziraldo como escritor homenageado. Constavam da programação atividades direcionadas ao público infantil, a exemplo de leitura de parte da obra, encenação de peça inspirada na turma do Pererê, redesenho das ilustrações do vasto mundo de personagens “ziraldianos”, cuja obra merece nossa admiração.

Dias antes, eu havia lançado meu quarto livro autoral, o segundo de literatura infantil. Esse casal de amigos e respectivos filhos, então com sete anos, prestigiaram-me na noite de autógrafos, o que muito me honrou.

Passados alguns dias do lançamento desse livro, a professora dos gêmeos, em sala de aula, desafiou a turma, por meio de pistas, para que tentassem adivinhar quem seria o escritor homenageado no chá literário. A docente perguntou:

— Esse escritor já publicou vários livros infantis. Tem uma característica marcante, os cabelos dele são bem branquinhos. Alguém arrisca a dizer quem é?

Um dos gêmeos ergueu a mão, estufou o peitoral e, sentindo-se todo importante, respondeu que não só sabia quem era o escritor homenageado, como informou que era um amigo da família dele.

A associação de minha humilde e microscópica produção literária à de Ziraldo, mesmo pela ingenuidade de uma criança, muito me alegrou, e me fez rir bastante.

Ziraldo... que grande legado, nos deixou o criador do Menino Maluquinho...

JOSÉ LEANDRO DE SOUZA LIMA

Na noite anterior, me recolhi cedo para o meu quarto, como de costume: repeti as orações que minha mãe me ensinara e pedira que repetisse com fé - antes de dormir-, a roupa que usaria estava devidamente separada, sobre o criado mudo, e ainda tive a ousadia de conferir minha mochila pela centésima vez.

Porém o sono não veio me fazer companhia, nem lembro quantas vezes me revirei sobre aquela cama, e o pequeno abajur foi ligado “diversas vezes” para evitar que meus irmãos acordassem e reclamassem comigo por perambular até o pequeno banheiro que dividíamos.

E para piorar a situação, uma chuva forte com trovões se iniciou e com ela alguns pensamentos e medos, que cresceram com o apagar das luzes. Coisa típica de uma criança medrosa de seis anos, que fantasia e cria monstros embaixo da cama.

Mas, o dia deu o ar da graça, fui acordado pelo canto triste de um galo, o qual meu vizinho insistia em criar como bicho de estimação, até nome o danado tinha, coisas de cidade do interior.

Tomei meu café, fui assistir TV e depois tentei brincar um pouco com meus amigos da vizinhança, para que o tempo passasse mais rápido.

Eu e minha mãe caminhamos em direção a porta, seguimos a pequena rua que dividira nossa casa da escola, e lá estava a multidão de pais, ansiosos para saberem em qual sala, seus filhos iriam passar o resto do ano letivo, ou seja, o primeiro dia de aula de nossas vidas, dificilmente nos esquecemos.

E foi por isso, que decidi escrever essas pequenas linhas, que representam apenas o começo do meu amor pela EDUCAÇÃO.

Sobre o autor: Natural de Remígio/PB, atualmente morando em Sumé/PB, Graduando em História e trabalhando como Cuidador Educacional em uma escola pública. “Gosta muito de escrever, principalmente sobre o ambiente escolar que o encanta”, diz.

A TRISTEZA QUE NOS HABITA

Embora seja relativamente fácil lembrar a última tristeza que tivemos, acho difícil que alguém consiga se lembrar com certeza da primeira.

Democrática por nascimento, a tristeza tem morada em todos os corações. Imprevisível como as chuvas de verão, chega sem ser convidada. Nos abraça sem cerimônias. Deita conosco em nossa cama. Nos acompanha nas refeições, no banho, no trabalho, na escola. Fica ao nosso lado até se esgotar. E quando isso ocorre, vai embora de repente, sem se despedir e sem que a gente perceba ao certo como aconteceu.

Há algo inexplicável na tristeza que sempre me intrigou: a tristeza é uma sensação desagradável, mas ao mesmo tempo é fascinante e sedutora. Porque embora ninguém queira voluntariamente se sentir triste de verdade, nós gostamos de nos sentir tristes de mentira.

Por isso assistimos filmes tristes, ouvimos músicas melancólicas e lemos livros comoventes. Boa parte da arte tem como força motriz a tristeza. A indústria do entretenimento, sabendo da demanda, oferece falsas tristezas para todos os gostos.

Claro que quando estamos tristes, assistir um filme, ler um livro ou ouvir uma música que se assemelhe ao fardo que estamos carregando pode nos ajudar a transmutar a dor, nos dar a sensação de amparo e nos ajudar a refletir.

Mas e quando a vida está totalmente nos eixos e ainda assim bate aquela vontade de assistir um drama ou ver uma novela? Por que gostamos tanto de nos identificar com alguns personagens e com dores que nunca sentimos?

Talvez a tristeza seja uma afinidade que todo mundo tem.

Quem nunca ofereceu o ombro a um estranho ou a alguém com pouca intimidade apenas por perceber no outro a tristeza empoleirada no semblante fazendo as lágrimas verterem?

A tristeza nos une em empatia, nos irmana na dor, nos impele a mergulhar em nosso interior.

Eu acho que a gente nem sempre percebe, mas a tristeza é uma mensageira. É ela quem vem nos dizer que a alma está enferma, precisando de atenção.

E as vezes, a chave que precisamos encontrar para curar nossa alma está na mensagem contida num livro, no enredo de um filme, na letra de uma canção, numa peça de teatro, numa apresentação de dança, numa escultura, num poema ou até mesmo num quadro.

Por isso a arte é tão importante. Porque ela é a guardiã da cura das dores para as quais não existe remédio para tomar.

[Crônica do Livro “Dias de Quarentena” de Juliana Paganelli]

Un capítulo por leer – Kim Bertran Canut

“...Cuando decides salir de tu morada, y transitas por el infinito del horizonte lineal, al regresar, traes la piel curtida, una gran perspectiva de entendimiento, innúmeros conciertos en el oído, algún cuaderno escrito, atiborrado de anécdotas, álbumes de fotos con recuerdos, compañeros encontrados en el camino y el último libro...casi leído, bajo el brazo...el mundo seguirá aquí esperando tu llegada...y dispondrá de nuevo tu partida si lo deseas...termina la página y amortigua la luz del día...”

© Kim Bertran Canut

Barcelona

Kim Bertran Canut, nació en 1960 en Pont De Suert (Lleida)

Actualmente reside en Barcelona. Durante 7 años dirigió junto a sus “la asociación cultural CATÁRSIS” Con sede en Barcelona.

Publicaron 13 números de la revista Catársis.

Se aficionó a la literatura y a la fotografía siendo adolescente.

En 1993 publicó la novela: “Imaginación Atrapada” y en 2002 su segunda novela:”El Reflejo de los sueños en lunas rotas (perdido en la eterna oportunidad) Durante años he colaborado con Webs y revistas literarias: Catársis, Factum, EspacioUlises, Archivos del Sur, Barbante, Versos y Archipiélagos, Almiar, Nagari...

La poesía de Jorge Teillier

Márcia Batista Ramos

*«Un vaso de cerveza,
una piedra, una nube,
la sonrisa de un ciego
y el milagro increíble
de estar de pie en la tierra.» Jorge Teillier*

La eterna búsqueda que supone la vida, el intento de descifrar su sentido y el sentido del Ser en el mundo, a través del lenguaje, lleva al poeta a la voluntad de renovación poética, por medio de la experiencia interior, en su esfuerzo personal por superar la nostalgia de existir. Entonces, el poeta chileno Jorge Teillier, se acerca al mundo primigenio como imagen de representación de todo aquello cuanto existe, sea emoción, afecto o acontecimiento que tiene lugar en su creación poética.

Es en ese mundo primigenio que Jorge Teillier, como un niño que no se hizo grande, camina de la mano de sí mismo, ya adulto, para visitar la cocina donde crepita el fuego, o la despensa donde se guardaba la linterna; andan por las rieles sin avistar ningún tren, miran a los árboles en cuyas sombras los vagabundos duermen, pero siempre vuelven al techo, a la ventana, a la casa donde ocurrió la vida y donde el fuego se extinguió, pues, su poesía apela a los orígenes subterráneos, así como, la conexión que existe entre el individuo y el mundo a través del amor intransitivo.

Así, de la mano de sí mismo, el poeta hombre-niño o niño-hombre, indaga sobre la inexorabilidad del tiempo y tiene la esperanza de que:

*Un día u otro
todos seremos felices.
Yo estaré libre
de mi sombra y mi nombre.
El que tuvo temor
escuchará junto a los suyos
los pasos de su madre,
el rostro de la amada será siempre joven
al reflejo de la luz antigua en la ventana,
y el padre hallará en la despensa la linterna
para buscar en el patio
la navaja extraviada.¹*

La bellísima poética de Jorge Teillier, es una especie de recapitulación magistral de la inmensa calidad espiritual que podemos encontrar en el mundo sencillo, donde la experiencia de la casa, de los afectos iniciáticos, del entorno y sus circunstancias, están a la orden del día:

*7
Sentado en el fondo del patio
trato de pensar qué haré en el futuro,
pero sigo el vuelo del moscardón
cuyo oro es el único que podría atrapar,
y pierdo el tiempo saludando al caballo
al que puse nombre un mediodía de infancia
y que ahora asoma*

A partir del eje de la memoria que, circunstancialmente, el poeta se abraza a la nostalgia y evidencia la experiencia de la vida en el pueblo o la aldea, como él refiere, como el territorio originario, donde la familia es el eje donde gira el mundo y del cual pende su infancia, la infancia, con los descubrimientos que empiezan en los armarios y alacenas, después, van al jardín, para luego salir más allá del patio, descubriendo un nuevo mundo que se basa en percepciones sobre las personas y objetos:

17

Día tras día

en los charcos verticales,

de los espejos de los bares

se va perdiendo tu cara

esa hoja caída de un árbol condenado.³

A sabiendas, que los hombres de su tiempo están insatisfechos con el presente que los ata a un lugar que no es propio, continuamente, el poeta se sumerge en el encuentro con los antepasados, busca su procedencia en el mundo abierto que está en la memoria, un lugar donde no alcanza el tiempo, allá donde la naturaleza y las cosas que le son familiares, jamás caducan:

No sabremos

si la caja de la música

suenan durante horas o un minuto;

tú hallarás –sin sorpresa–

el atlas sobre el cual soñaste con extraños países.

tendrás en tus manos

un pez venido del río de tu pueblo,

y Ella alzará sus párpados

y será de nuevo pura y grave

como las piedras lavadas por la lluvia.⁴

El poeta sabe que la muerte es el lado invisible de la vida, sabe también que, su conciencia de la existencia, está en ambos territorios (en la muerte y en la vida), porque existe una unidad, en la que habitan los seres que le exceden, los ángeles, fantasmas o simplemente la hermana muerta:

Vivo en la apariencia de un mundo

Tú no sabes ni puedes saberlo

Tú no puedes conocer a mi hermana.

Yo mismo apenas la conozco

Porque murió antes de que yo naciera

Y esa llaga adelantó mi llegada.

Porque crecí antes de lo debido

Y la primavera rápida hojarasca

Y el verano un congelado reloj de arena.

Ya sólo puedo yacer en el lecho de mi hermana muerta.

El vacío de mi hermana me sigue cada día.

Cuando yo muera habré muerto antes de su muerte.⁵

Jorge Teillier evoca a través de la poesía, el ambiente convencional y agradable, cuyo referente originario es el mundo pastoril. Como una remembranza de la belleza perdida antes de ser huérfano o espectro perdido en un mundo moderno que él no entiende, donde no logra acomodarse y completarse y, por ende, permanece solitario.

19

Frente al semáforo rojo

me detengo

esperando cruzar la calle.

Un niño me mira

desde los brazos de su madre.

Algo tiene que decirme,

algo tengo que decirle,

algo que será él.

Hasta el cambio de luz

me hundo en esos ojos asombrados

irrecuperables.

Jorge Teillier vislumbra los límites de la existencia a través de la ventana, por donde contempla la lluvia, el humo de las chimeneas, el tren y la nieve en el invierno, después entra a una taberna para servirse un vino o una cerveza.

El poeta chileno exponente de la poesía lórica, Jorge Teillier, nació en Lautaro el 24 de junio de 1935 y murió en Viña del Mar el 22 de abril de 1996.

Notas

- 1 Teillier, Jorge: EDAD DE ORO.
- 2 Teillier, Jorge: COSAS VISTAS.
- 3 Ibídem
- 4 Teillier, Jorge: EDAD DE ORO.
- 5 Teillier, Jorge: HERMANA

A crônica da crônica

Entrei em uma idade que ando bastante cansada e sobrecarregada com educação dos filhos, trabalhos de casa, e com as questões pertinentes ao meu trabalho. Todas estas obrigações tomam todo o meu tempo.

Assim, resolvi que era hora de tirar um tempo para mim. Iria me dedicar a um hobby e depois de anos reencontrei a escrita.

Comecei a participar de vários concursos literários e isso me trouxe um grande prazer e alívio para minhas dores da alma.

Bem, dia desses tive uma crônica selecionada para publicação em uma revista.

O agente entrou em contato informando que havia formatado a crônica e que cada autor deveria revisar sua crônica.

Foi o que fiz. Em meio a uma reunião, nada interessante, comecei a ler o que o agente havia me encaminhado.

Ao reler a crônica, comecei a me remexer na cadeira, e pensava comigo: - Como ele pôde alterar meu texto...

A frase reverberava em minha cabeça, a ponto de me desligar totalmente da reunião.

Precisei me segurar para não sair da reunião pisando duro, já pronta para enviar um e-mail ao agente informando que havia desistido da publicação.

Até que uma ideia foi soprada em meu ouvido.

- Antes de reclamar, releia o que você enviou...

Aceitei a sugestão do meu anjo da guarda e fui reler o que havia enviado.

Pasmem! O que o agente enviou era exatamente o que havia escrito.

No meio de tantos escritos que borbulhavam em minha cabeça e as obrigações da vida, me esqueci das palavras exatas que havia enviado.

Sorte a minha ter dado ouvidos ao meu anjo da guarda, caso contrário, seria o fim de minha carreira como escritora mal iniciada.

Thais Castilho

A crônica da crônica

Entrei em uma idade que ando bastante cansada e sobrecarregada com educação dos filhos, trabalhos de casa, e com as questões pertinentes ao meu trabalho. Todas estas obrigações tomam todo o meu tempo.

Assim, resolvi que era hora de tirar um tempo para mim. Iria me dedicar a um hobby e depois de anos reencontrei a escrita.

Comecei a participar de vários concursos literários e isso me trouxe um grande prazer e alívio para minhas dores da alma.

Bem, dia desses tive uma crônica selecionada para publicação em uma revista.

O agente entrou em contato informando que havia formatado a crônica e que cada autor deveria revisar sua crônica.

Foi o que fiz. Em meio a uma reunião, nada interessante, comecei a ler o que o agente havia me encaminhado.

Ao reler a crônica, comecei a me remexer na cadeira, e pensava comigo: - Como ele pôde alterar meu texto...

A frase reverberava em minha cabeça, a ponto de me desligar totalmente da reunião.

Precisei me segurar para não sair da reunião pisando duro, já pronta para enviar um e-mail ao agente informando que havia desistido da publicação.

Até que uma ideia foi soprada em meu ouvido.

- Antes de reclamar, releia o que você enviou...

Aceitei a sugestão do meu anjo da guarda e fui reler o que havia enviado.

Pasmem! O que o agente enviou era exatamente o que havia escrito.

No meio de tantos escritos que borbulhavam em minha cabeça e as obrigações da vida, me esqueci das palavras exatas que havia enviado.

Sorte a minha ter dado ouvidos ao meu anjo da guarda, caso contrário, seria o fim de minha carreira como escritora mal iniciada.

Thais Castilho



Ensaïos

Por Márcio de Lima Dantas

Porque, agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido.

Coríntios 13:12

Caroline Veríssimo (Mossoró, 1997) é formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Logo cedo, interessou-se pelo bordado livre e pela ilustração digital, vindo a aprender a bordar através de vídeos na internet. Dessa maneira, direcionava seu trabalho para dois vetores: valorizando a arte do desenho e resgatando a mais conhecida forma de bordar: o bordado livre, usando a linha de meada de círculo. Desde sempre conhecida nos bordados advindos da cultura popular. Mas é preciso remarcar que essa artista detém uma pronúncia original, pois o bordado tradicional foi o ponto de partida para que decalcasse sua gramática estética. A artista confessa

que aprendeu a bordar buscando sites que ensinam a bordar, é bom lembrar que aqui há uma profusão de bordados, sugerindo tecidos, agulhas, linhas e estilos.

Com efeito, podemos categorizar sua obra em duas vertentes, cujas técnicas são bastante distintas. A primeira são os bordados, com releituras intervenções da artista. Depois, temos um declive para onde escorrem desenhos resultados do uso de um programa de computador: o Procreate no Ipad, fazendo uso do tablet e da caneta.

Vejamos os bordados. Não há muito segredo, visto que a artista manuseia procedimentos de há muito empregados nos limites dos bastidores. Para além do que se encontra entre bordadeiras de pequenas cidades ou cooperativas, buscando fomentar e resgatar a arte do bordado, para não apenas engenhar um meio de vida, mas uma ocupação saudável, regada a conversas e opiniões de uma sobre o trabalho da outra.

Com efeito, há um trabalho da nossa artista cujo resultado pode ser aqui empregado como capaz de organizar uma metáfora resumidora do conjunto da sua obra. Falo de uma andorinha bordada com apenas duas cores e seus matizes. Aqui constatamos a habilidade de bordar da autora. A simplicidade do desenho, coisa sempre difícil de se lograr êxito em arte, delineia o pássaro em seu voo, sobre um céu constelado de miúdas estrelas. Talvez o fato de resguardar menos recursos em sua feitura, seja justo o que torna a andorinha uma espécie de síntese do bordado como releitura contemporânea, na medida em que os procedimentos manuseados desde sempre no bordado são mantidos, o que faz a diferença são as intervenções por meio de acréscimos, como, por exemplo, o uso de canutilhos ou contas coloridas.

Outra coisa, a maneira como a autora apresenta seus trabalhos por meio da fotografia, desde já parece fazer parte da obra. Muito interessante é que não abre mão da moldura dos bastidores, pondo o trabalho

com um fundo que ressalta a beleza das suas obras. Não há como não dizer isso, pois seus bordados são realçados, assim como se fossem integrantes dos desenhos, conseguidos por meio de cores ou discretas texturas. Contudo, o bordado no centro dos bastidores detém um valor em si, não por relação. Creio que essa maneira de fotografar um trabalho se deve ao fato de uma busca de evidenciar as cores empregadas no bordado. Com relação ao nosso segundo arranjo, logo que nos detemos sobre eles, é assaz curioso o fato de nos intrigarmos, visto deter um diferencial do que conhecíamos até então.

Com relação aos trabalhos da segunda arrumação, não são mais bordados, mas frutos do manuseio de um programa de computador, configurando uma série de obras deveras interessantes. Dois trabalhos retratam lugares de diversão da cidade: um bar e um cinema. A ausência de uma perspectiva mais ortodoxa, tão cara aos pintores acadêmicos, como se fosse uma obrigação, conduz o artista, – que não fazem uso dela, como, por

exemplo, Paul Gauguin –, a se valer de outros meios, quando se trata do figurativo. Há de lembrar, também Paul Cézanne, cuja ausência da perspectiva parecia ser de caráter deliberado, alcançando uma dicção estética de rara originalidade, para sempre.

Com efeito, o Bar da Saudade se define por uma fachada e um conjunto de cadeiras de plástico, no qual há apenas uma figura. Duas árvores parecem velar o que fora um dia, talvez, frequentado. Agora restando uma lembrança. Salta aos olhos a simetria bilateral, permitindo que se divida a tela em duas partes iguais. A cor ocre vai se repetir nos outros três trabalhos. Como o ocre se opõe ao azul, e está relacionado à terra, ao que fomos acostumados a indigitar como realidade, eis que sucede nos quatro trabalhos a recorrência dessa cor.

Na verdade, quase que desponta uma monocromia, só não o é por conta das outras poucas cores da paleta predileta da autora. A parte da tela que compete ao céu, encontra-se no firmamento um azul límpido,

contrastando e fundando uma harmonia com a cor ocre. O azul é a cor da imaginação, do oposto ao real concreto, por oposição aos tons em terracota. Aqui ocorre a boda entre céu e terra. Em núpcias de uma possibilidade que nos conduz a, mesmo que seja difícil, operarmos tentativas de fundir essas duas partes em uma unidade que nos conduza a compreender o humano e sua condição plena de obstáculos. Contudo, nada é impossível, considerando que o que nos aparece como inimigo também é nosso aliado, pois nos ensina a arte da paciência.

Por fim, não há como discorrer acerca de dois trabalhos extremamente interessantes. A tomada vista de cima de um banheiro bastante comum, não há a visão da totalidade, apenas ressalta o box e os azulejos que revestem em cor ocre. Não há motivo algum de demandar o motivo pelo qual a figura humana não se encontra no recinto. Faz-se necessário contemplar parte de um banheiro com seu desenho e os azulejos de cor ocre. Não é um banheiro, mas uma obra de arte.

O outro trabalho é um terraço com quatro cadeiras de plástico, as mais modestas, visto que se tivessem mais valia seriam de madeira ou outro material. Sobre cada cadeira um gato dorme. A cor ocre assoma com grande intensidade. Os ladrilhos do piso e o fundo do lugar são de cor ocre, sendo que há uma retomada do que fora outrora matéria de valor, esquecendo o cimento queimado das famílias mais humildes. Era encontrado nas igrejas, com geometrias de rara beleza, alagando o sentido da visão de um puro prazer de colocar os pés e desatar o enlilhado sentido da visão comum.

Há um forte pendor para o adorno, mesmo que seja com parcimônia. O que interessa é preencher o enquadramento através de múltiplos elementos. No caso do piso, há ladrilhos (mosaico), como os de antigamente, imprimindo beleza a ausência da figura

humana. As paisagens ou cenas internas são revestidas de um silêncio sobrepujando o que se contempla.

Caroline Veríssimo resgata uma técnica de adorno conhecida e apreciada desde sempre. Consabido é a valia do bordado em diversas culturas. Quando se desejava imprimir a uma peça de tecido a elegância, a excelência e a delicadeza, bastava ataviar com bordados, seja qual fosse o tipo de riscado. Não precisa ir muito longe, haja vista o uso nas roupas femininas ou vincular ao sagrado, adornando as alfaias da Igreja Católica e os vasos manuseados na liturgia: toalhas de altares ou mesmo as pequenas coberturas do sacrário, do cálix, da âmbula, do ostensório. É interessante observar que a escolha de bordados remete ao que podemos evocar como um conteúdo que torna todos os elementos mais valorizados, franqueando às sendas que dizem respeito ao sagrado.

Em suma, o bordado reveste toda e qualquer indumentária com uma aura de beleza e simplicidade,

chamando atenção para uma tradição que outorga às peças o que é digno de recobrir os vasos sagrados ou cobrir os altares. Quase sempre se selecionava as melhores bordadeiras para fazer esse trabalho. Não nos custa ainda lembrar o primor dos bordados que se faziam nos pálios, véus de ombro, para serem usados na procissão de Corpus Christi.

Acontece que a artista aqui tratada procede a toda uma sorte de releituras do bordado, tanto semântica quanto na intervenção de bordar com canutilhos ou pequenas contas, fazendo valer as cores e texturas.

Contudo, permanece o que se encontra desde muito concernente à arte do bordado: tecido, agulha e linha. O mais diz respeito à criatividade de quem busca resgatar uma forma de arte quase sempre associada ao silêncio e à concentração, pois que bordar, antes de qualquer coisa, ocupa a mente, afastando determinadas espécies de pensamentos, deixando-se estar junto a si, contemplando o que se é, em uma incondicional

quietude, lançando para bem longe o que atribula nossa alma, revestindo de paciência o que o destino outorga de bulir com nossos nervos, transformando em enfermidades aquilo que é da natureza da alma, mas há de lembrar que alma e corpo não estão dissociados.

O ato de bordar também serve para engendrar um outro panorama, e que seja para si ou para outrem. Nos limites circulares dos bastidores, o artista imprime uma outra gramática, distinta da realidade. Antes de qualquer coisa, há o domínio de um desenho, assim como se fosse uma pessoa com uma rotina previamente determinada, sabendo de antemão o que virá acontecer: manhã, tarde e noite. Eis que o Tempo borda com suas linhas algo bastante interessante, quer dizer, muitas meadas de linhas, com atenta preocupação de nunca esquecer se o avesso e o direito estão alinhados em um concubinato gratificante para quem lavra no tecido, não importando se isso ou aquilo difere do que conhecemos como o mundo que nos rodeia.

Para não dizerem que fui omissos em se tratando de bordado, digo o seguinte: quando for comprar uma

peça bordada, olhe primeiro o avesso, se estiver igual ao direito, então o trabalho é bom.

Kelly Lira: o domínio da cor e a festa dos sentidos

Por Márcio de Lima Dantas

A artista visual Kelly Lira (Pau dos Ferros, 1985), durante sua infância, foi submetida a um cabedal de bens pictóricos que fizeram florescer no seu espírito algo que, tudo indica, já pulsava no seu imo. É que tem três irmãos pintores. A menina fora testemunha do fazer artístico dentro de casa. Como era de se esperar, surge um talento com grande capacidade de manusear técnicas mistas: spray, acrílica, carvão.

Vejam, para efeito de análise e interpretação, como podemos classificar o que tivemos acesso da obra da autora. Há uma bela série com a temática *Pescadores*. Uma outra de exímia fatura que podemos classificar de *Abstratos*. Há também uma série de retratos de figuras humanas. Por fim, suas sensíveis pinturas sobre cerâmica.

Um dos principais mitos obsessivos da pintora são os *Pescadores* e seu cotidiano, com a presença de peixes. A técnica para obtenção dessa ordem semântica, é conseguida por meio de fotos encontradas na internet, sendo que a intervenção da autora, tomando como ponto de partida a foto preexistente, pode ser compreendida por meio de duas vertentes. A primeira é a figura onde predominam o preto e branco do pescador, sendo este centralizado, quase sempre por uma economia de meios, falo sobretudo das poucas cores. É interessante remarcar o motivo pelo qual se estabelece de maneira ostensiva esse manuseio de planos e cores. Ora, as faixas em cores do fundo outorgam um chamado a serem contempladas: são listras paralelas em cores fortes, conseguidas através de um contraste cuja beleza proclama o chamado para os pescadores e suas fartas colheitas de peixes, no implícito manancial marítimo.

Talvez possamos apontar os *Abstratos* como os trabalhos nos quais a artista imprimiu uma marca eivada de um registro mais original. Sem dúvida, eis aqui a

pronúncia de uma sintaxe própria, deixando entrever as capacidades e versatilidades da artista, pois tanto faz uso com maestria do figurativo, como adentra pelos meandros mais complexos das composições abstratas. Vejamos como funciona: todo o conjunto de manchas coloridas, seja em formas de grande espessura ou mesmo de inúmeros formatos, conflui para algo que à primeira vista pode parecer aleatório, mas um olhar mais esmerado atesta um contorno quadrado onde a festa de geometrias e cores expressa uma harmonia. É bom dizer o quão difícil é organizar uma combinação de tintas e debuxos.

Agora vamos à seriação *Retratos*. Esta outra forma de mídia evoca fortemente a Pop Art e seu mais conhecido expoente: Andy Warhol. A partir de uma foto, a artista lança mão dos paradigmas que lhe são caros (contrastes de cores, listras atrás da figura em evidência, organização do enquadramento tendo em vista fotografias retiradas da internet). Com efeito, manuseia com habilidade, quer seja o contraste de

cores opostas ou complementares, quer seja fazendo intervenções em retratos bastantes conhecidos. O resultado acresce o retrato original de uma possibilidade incomum, conduzindo o espectador a repensar o que é uma obra de arte.

Por fim, é necessário adentrar pelas pinturas sobre porcelana. Existem as peças de porcelana com pinturas em branco, preservando a forma em sua natureza ocre. Assim, manuseia a tinta branca, em delicados arabescos, como se fossem rendilhados de labirinto ou alguma espécie de bordado popular. A simplicidade dessa mídia nos conduza apreciar o que fomos acostumados a contemplar em nossas casas, por exemplo, como potes nos quais cultivamos plantas prediletas, edificando nosso jardim particular. Em síntese, por meio de uma intervenção extremamente simples, eis que o inusual sagra seu número, vindo a ser o que não esperávamos. Há também requintadas pinturas em pratos de porcelana, sendo que aqui persiste uma sobreposição de formas e cores, em um

esmero que evoca sua série de abstratos. Só que lá a espacialização dos elementos mantém uma distância, deixando espaços vazados na cor branca. Nesses que estamos tratando, não há tais espaços em branco, pois as cores e as formas preenchem o fundo da porcelana, como se fosse uma espécie de *horror vacui*.

O pendor para o universo das artes visuais, na pessoa de Kelly Lira, resguarda uma didascália que nos conduz a interrogações acerca de como floresce o talento artístico em uma pessoa. Em parte, alguém já traz consigo o que chamam *dom* ou a arte é fruto de um permanente exercício regido por uma estoica disciplina?

Haverá de pensar, quando revolvemos a maneira como emerge o talento em um artista, se não é justo e bom adentrarmos através de duas vertentes: o que se encontra adormecido, qual semente aguardando a rega para florescer e frutificar, uma nesga de sol para rebentar em fulgores de exatidão e beleza, configurando uma outra realidade, para os que não se

importam tanto com o chamado *real concreto*.

A outra vertente implica uma conduta de olvidar a tessitura do real, com chamados de sereias para a festa ilusória dos sentidos, que a nada conduzem, essa tal história de aproveitar a vida. Estou falando da reclusão e do trabalho para produzir a obra de arte (*Há que renunciar a alguma coisa*. Machado de Assis). Ora, todo mundo sabe desse gesto de amor, dessa vontade de plasmar significantes que irrompem impacientes por vir a ser algo uma grande autonomia, e que só pode ser pelo fato de se bulir no que estava adormecido.

Em suma, parece mais sensato pensar que o objeto de arte seja um amálgama dessas duas vertentes, qual um rio com dois afluentes, caminhando para largo, e belo, e pleno de registros não apenas daquele que imprime contornos, mas também organiza através de uma singularidade o imaginário de etnias, lugares, distritos do humano, e deságuam em um estuário fertilizando terras do real, adicionando formas, cores,

nomese números.

Kelly Lira se inscreve com propriedade nessa digressão acima enunciada, ou seja, sua dicção estética é o resultado de um encantamento de tempos, contemplando as obras dos seus irmãos. Sua obra ainda incipiente, já disse a que vem. Isso mesmo, veio para ficar no sistema de artes visuais de Mossoró, acrescentando de maneira ímpar às artes plásticas do Rio Grande do Norte uma obra detentora de um registro universal.



Poemas

O Sorriso

É um ato de amor;
É uma demonstração de felicidade;
Às vezes discreto;
Às vezes exagerado;

É uma gargalhada;
É a moça com o aparelho nos dentes;
É um fingimento, descontente;
É a extravagância do banguelo;

É a inocência de uma criança;
É a queda de um distraído;
É aquilo que estava preso na Garganta;

Às vezes não é vingança;
É derrubar quem um dia te machucou;
É surgir do nada. Solto, livre e sincero.

poeta Adailton

A tristeza

Substantivo abstrato;
Depende de alguém para existir;
É a marca da infelicidade;
É a companheira da saudade;

Às vezes é motivo para sorrir;
Para disfarçar aquilo que qualquer pessoa ver;
Mas quando não tem jeito;
Não dá para esconder;

É a impotência de não poder ajudar;
É querer dizer e não falar;
É o sabor amargo da derrota;

É a consequência da desilusão;
É filha da traição e irmã do desamor;
É a distância entre a felicidade e a dor.

poeta Adailton

Soneto

Meu pai era um homem feliz

Ele nunca precisou de riqueza para viver.
Ele nunca estudou, mas era educado.
Criou a sua família trabalhando no roçado.
Nunca reclamou de nada mesmo no “cabo da enxada.”

Tinha Paciência de Jó.
Era homem de uma palavra só.
Às vezes fingia não ouvir para não discutir.
Gostava de achar graça.
Bebia «as suas cachaças».

Não mexia com ninguém
Aos filhos queria muito bem.
Lutava pela nossa felicidade.

Lembro-me com saudade.
A sua partida era esperada
A doença o venceu.

poeta Adailton

CÂNTICO DA AURORA

Nas asas d'aurora, o céu se pinta em tons de fogo,
O sol nascente, soberano, ergue-se no horizonte dourado,
Melodias aladas ecoam, pássaros em coro, num jogo,
Na dança do vento, segredos são sussurrados.

A luz, qual pincel divino, tinge a tela do universo,
Desperta sonhos, faz renascer a esperança adormecida,
Neste espetáculo celeste, cada alma em seu verso,
A magia de um novo dia, na quietude compartilhada.

Entre sombras e reflexos, a aurora desfila sua glória,
Um poema se desenha no tecido do ar perfumado,
A vida desperta, em cada criatura, uma história,
E no palco da existência, o destino é entrelaçado.

Alexandre dos Santos

Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduando em Psicologia e Educação pela FAVENI. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com

CÓLERA

No turbilhão da modernidade,
Onde o tempo voa sem piedade,
Surgem as sombras da agonia,
Num mundo de caos e desarmonia.

Em meio a ruas de concreto e aço,
Onde o homem se perde no embaraço,
Ecoam os gritos da desigualdade,
Neste palco de dor e obscuridade.

As máscaras escondem a verdade,
Enquanto a alma clama por liberdade.
Onde estão os laços fraternos,
Neste mar de egoísmo e infernos?

É a fúria que queima por dentro,
Onde o amor se torna um lamento.
Nas veias da sociedade dilacerada,
Reside a ira, a mágoa, a jornada.

Mas ergamos a voz em resistência,
Contra a tirania e a indiferença.
Que a luz da esperança venha brilhar,
E a cólera do século atual dissipar.

Alexandre dos Santos

Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduando em Psicologia e Educação pela FAVENI. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com

DESILUÇÃO

Nas margens do tempo, vagueio perdido,
Entre sonhos desfeitos e um vazio sentido.
Caminho pelas ruas da desilusão,
Onde ecoam ecos da solidão.

As estrelas no céu perderam seu brilho,
E o calor do sol se esconde no trilho.
Desiludido, o coração se debate,
Em meio à tempestade que não se abate.

Cada suspiro é um lamento calado,
Cada passo é um peso, um fardo pesado.
Desilusão, como uma sombra a me seguir,
Cegando os olhos, fazendo-me partir.

Busco abrigo nos braços da esperança,
Mas encontro apenas a fria lembrança.
Desiludido, sigo este triste caminho,
Onde o amor se perde no destino.

Mas na escuridão, uma luz ainda arde,
Uma chama tênue que não se esgarce.
Desilusão, talvez seja apenas uma estação,
Onde renasço, buscando redenção.

Alexandre dos Santos

Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduando em Psicologia e Educação pela FAVENI. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com

A DANÇA DOS VÉUS

Sob véus de palavras, escondemos o real,
Num jogo de sombras, sem qualquer sinal.
Dissimulações tecidas em fios finos,
Onde a verdade se perde em desatinos.

Colorimos a dor com tons suaves,
Enquanto o coração sangra em clave.
Eufemismos, máscaras do sentir,
Que disfarçam a angústia a nos ferir.

Choramos lágrimas de “fortaleza”,
Enquanto a alma se afoga em tristeza.
Eufemismo, esse manto de ilusão,
Que encobre a verdade em sua canção.

É na suavidade das palavras escolhidas,
Que se esconde a realidade ferida.
Eufemismo, doce e amargo véu,
Que nos cega, nos perdendo no céu.

Mas na busca pela clareza e verdade,
Desnudemos a alma, sem piedade.
Desfaçamos os eufemismos que tecemos,
E encaremos o mundo como merecemos.

Alexandre dos Santos

Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduando em Psicologia e Educação pela FAVENI. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com

Angela Ferreira

FELINO

Ronronar de prazer
precede a lambida
de gato, fruição.

Pelos macios acaricia, sem pudores
em revelar tamanha volúpia sentida,
descubro delícias de sua interação.
Sua imagem transparece o desejo,
expresso na paixão evocada, felação.

INFLUÊNCIA

oportunidades restritas
pão de cada dia
cérebro a toda sorte

ENREDO PRECIOSO

reliquia empoeirada
escrita a fios de ouro
amarelas folhas da experiência

Escritora e poeta, autora do livro *Aflorar Poetrix* (Scortecci, 2022); *Insights Poéticos* (Jornal de Beltrão, 2024), além de participações em antologias e coletâneas. Instagram: @angela.ferreira3

O poema **Felino** faz parte do livro **Metamorfose Poética (III Antologia SPINA)** – Areia Dourada, 2023;

Influência e Enredo Precioso fazem parte do livro **Poesia Minimalista - Antologia** – Selo Editorial Independente, 2022.



O mover das águas

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Sua força era extrema
Rompiam as barreiras do ser
Não importava se o objeto era calcificado
Contornava sua dureza e passava.

Rompia a frieza do desconhecido
Trazia vida aos lugares sombrios
Com graça e alegria
Floria os campos e os olhos.

Daqueles que percorriam
As estradas em sinfonia
Era exuberante o nascer da vida
Que se tornava elemento a contemplar.

Que grande trabalho a bela fazia
Por onde passava era só alegria
Os corações em festa celebravam a magia
Daqueles dias que se chamava fantasia.

Além da vida

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Todos os dias aquele amor crescia
Já não podia ser esquecido
Era enorme sua magia
De tanto ser alimentado se tornou vivaz.

Era o carinho que o caule tinha por sua flor
Que levava ao cuidado recíproco
Ambos cuidavam um do outro
Para que não os pudessem lastimar.

Ao menor sintoma de desventura
Juntava-se a seiva e passava a alimentar
A flor e o caule não podiam se separar
Eles eram o complemento da vida.

De uma jornada marcada pelo amor
Sabia que aquele pertencimento era para sempre
E nada os podiam separar!

Quem sou eu?

Sonhos

ilusão

Fantasias

Vida e poesias

Sou mar de águas turbulentas

Jardim da sedução

Sou visão, sou alucinação

Sou a sua madrugada

com toques precisos

Sou o seu sol da escuridão

que te provoca

tirando da solidão

altero seus sentidos

mexo com a sua libido

Sou eu que tu desejas

Declaro amor e paixão

Sou versos, sou rimas,

sou prosa poética

Quem sou eu ?

Sou o seu poeta.

Ariê de Moraes

Poeta das flores

Insensatez

Tenho que correr

sair de dentro de mim

procurar outro espaço

navegando, voando ou andando

procurando onde me perdi

posso até dormir no chão
sair debaixo do meu teto
com chuva ou sol,
tenho tanta coisa pra dizer
são tantas coisas
que esqueci o começo
me perdi no meio
e nunca vou chegar no fim.

Vou fazer um trato com Deus
troco minha vida
por um punhado de paz
um pedaço de pão
um copo de vinho
e um pouco de amor.

Nem as palavras que escrevo
dizem o que eu quero dizer,
falei com psicólogos
videntes e cartomantes
não estou perturbado
nem louco
quero viver, quero amar
quero mais, quero paz
quero arco iris
quero no céu estrelas do mar
quero o sol abraçado com a lua
quero ressuscitar.

Ariê Vitor de Moraes
poeta das flores

Santo ou pecador

Com o brilho da lua

entrando pelo vidro
quando saiu do banho
delineando seu corpo nu
com os cabelos molhados
caindo pelos ombros
como orvalho na relva
relva do teu corpo santo
ou pecador,
abraçei pra te enxugar
com minha língua felina
lambendo sem parar
senti seu corpo arrepiando
enlouquecida de desejos
abraçou me com as mãos
cravando suas unhas
no meu corpo santo ou pecador,
beije todo corpo com ardor
deitamos juntos, fizemos amor
aos sons de flautas
e no vai e vem dos acordes
cruzamos nossas pernas
criamos asas e subimos
abraçados até as estrelas
lá de cima vimos
nossos corpos nus
adormecerem como anjos
fazendo cafuné.

Ariê de Moraes
poeta das flores

Grandioso Vinicius de Moraes

Falar de Vinicius é grandioso.

Um ser tão cauteloso,

Ele era fabuloso.

Em seus versos, escreveu para adultos e crianças.

Ele plantou esperanças

Diante de todas as suas andanças.

Não sei onde o pato canta,

Se é aqui ou acolá,

Não sei se a casa era realmente uma casa.

Aqui relembramos de tudo que nos deixou.

Deu pra perceber o quanto você, Vinicius, amou

Tudo o que fazia e tudo o que plantou.

Diante de um tempo que não volta mais,

Quero ouvir suas músicas e seus poemas cada vez mais.

Deixando-me levar por pensamentos velozes e pessoais.

Vinicius de Moraes,

Eu não te esqueço jamais, por não sermos iguais.

A ti dedico todo o meu apreço,

A minha admiração, de te ter eternamente em meu coração.

Biografia

Auricélia Melo Feijão.

Residente em Crato-CE.

Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça.

Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.

@psicopedagoga_auricelia_melo / @auriceliamelofejao



Que importância tem a inflação?

Bernardo Santos

Em cada porta um vizinho a reclamar,
uma multidão na praça a se manifestar
e o dinheiro escorrendo pelo ralo
debaixo dos pés de homens nobres.

Não sei o porquê de tanta confusão!

A criatura humana é dócil,
meiga e sincera;
não se perde na história.
Pesquisa, escuta, consulta
e determina previsões
que a todos satisfazem.

Inflação, que graça!

Até parece piada
criticá-la sem razão.
Tem arroz e feijão para todos
carne boa
muitos campos produtivos
mas ouço gritos...

Gritos de horror!

Muito pavor no ar
desespero circulando
choro
mais gritos.
Agora gemidos
suspiros
fome!

Ah! Que importância tem a inflação?

Temos tudo nas mãos
dinheiro no bolso
empregos diversos
não temos marajás
e estamos ancorados num porto seguro.

O que houve? Está tudo escuro!...

Bati a cabeça no muro
vi notas e moedas
despencarem dos cofres fortes
vi a morte
um pote e um tinteiro
uma faixa escrita governo.

Agora sim!

Tudo está límpido,
claro, transparente
e vejo que de repente

inflação importância tem
quando tropeçamos sobre ela.

Bernardo Santos, 60, natural de Cristais – MG, formado em Jornalismo pela USJT-SP, pós-graduado em Gestão Estratégica de Marketing pela UFMG, aposentado. Autor da peça teatral *O Amor Liberta* (SCS-SP, 1980), dos romances *Depois das Onze* (Ateniense, SP, 1988), *O aluno do Passado* (Ebook Amazon, 2022) e do livro de poesias *Poeira de Estrelas e Sonhos* (Scortecci, SP, 2011).

www.bernardosantos.com.br

nas sendas da vida...

apresentam-se a mim
como um presente
da natureza
ou um ofício divino
flores do campo
numa elegância sutil
oferecem-me gratuitamente
beleza e perfume
entre voadas
por coloridas borboletas

ouço dos pássaros
glorificantes hinos
um despertar cósmico
como uma luz
que chega na obscuridade
de meus pensamentos
generosamente
colaborando
para minha redenção
e do planeta que habito

que processo singular
de transcender dores
reaprender amores
admirar as cores
de uma flor do campo
que abarca meu olhar
nas sendas da vida
continuo a caminhar

Beth Iacomini

somos mutantes
ainda que pés descalços
aprisionados
pela grade do medo

somos mutantes
ainda que olhos vendados
embaçados
pela névoa do desencanto

somos mutantes
ainda que mãos engessadas
contaminadas
pelo vírus da opressão

somos mutantes
ainda somos, sempre, tanto
enquanto
visionários de nossos sonhos

Beth Iacomini

Amanhã

Hoje entendo o livro,
amanhã não sei.

Hoje falo muito,
amanhã não sei.

Hoje dou um sorriso,
amanhã não sei.

Hoje escrevo um texto,
amanhã não sei.

Hoje quero tudo,
amanhã não sei.

Hoje tenho um escudo,
amanhã não sei.

Hoje planejo o futuro,
amanhã não sei.

Hoje não sei do amanhã,

amanhã também!

Biografia

Capuano Fontellas possui graduação em Letras pelo UniSant'Anna (2015), graduação em Pedagogia pela Unesp (2019) e Mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) pela USP (2023). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino-aprendizagem de Linguagens.



Hoje, enquanto o relógio do tempo é regido pelas batidas do coração,
Extasiados e encharcados de uma feliz ansiedade
Nós aguardamos, até que
Rimos, choramos, misturamos as lágrimas
Intensas com a certeza orgulhosa. E para
Cada novo amanhecer vamos nos preparar
Ouvindo o coração e movidos pela razão, para te receber, nosso menino.

Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, casado com a Katerine, pai do Henrico e professor da rede pública. Acredito no poder transformador da literatura à medida em que ela muda individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos e tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas.

Carlos Oliveira Nascimento, é natural de Aracaju/SE, reside em Nossa Senhora da Glória/SE. É Historiador, Psicopedagogo Clínico e Institucional, cursando Neuropsicopedagogia, com textos publicados em Antologias e Revistas dentro e fora do estado de Sergipe, em 2021 foi homenageado pela AGL – Academia Gloriense de Letras recebendo a Medalha de Honra, em 2023 recebe o Troféu “Amigo de Glória e das Letras da AGL, organizador da I Antologia Sítios-novenses de Jovens Escritores & Convidados, fundador do Clube de Leitura Profª Josefa Marques, apreciador e divulgador da Literatura Sergipana. Idealizador da página @uma.boa.leitura10

“A RAINHA DA ALTURA”

Carlos O. N.

Maria Feliciano dos Santos era seu nome

Nascida no baixo São Francisco

Lá no Amparo do São Francisco

Em 27 de maio de 1946.

A pequena Feliciano depois dos dez anos

Disparou a crescer.

Josa “O Vaqueiro do Sertão”

Lhe apresentou ao “Rei do Baião”.

Com Luiz Gonzaga

Rodou os cantos do Brasil,

Aos 18 anos foi coroada

A Rainha da Altura, com seus 2,25m

No programa do grande “Chacrinha”.

Foi cantora no Trio Sergipano

Foi jogadora de basquete

Defendendo Sergipe e o Brasil

No dia 27 de abril de 2024

Descansou um Rainha.



Luís do dente grande o radical

Catarina Dinis Pinto

Nesta grande historia,
Há uma personagem especial,
Com uma grande maestria,
Vive preocupado com a saúde oral.

Escovar os dentes a cada dia,
Quem diria que é essencial,
É sem duvida a melhor ideia,
Deixar a boca sem bactérias é crucial.

Vivia numa grande cidade com a família,
Num lugar junto ao areal,
Para ele os doces eram uma delícia,
Mas era muito limpinho afinal.

Porém ele sabia,
Que escovar os dentes é genial,
Há que os lavar em sintonia,
Como musica e fazer um arraial.

Era uma espécie de herói da simpatia,
Conhecido por Luís do dente grande o radical,
Famoso pela sua paciência.
E de escovas os dentes de forma original.

2024-01

Despoluir o olhar

Claudio Trindade

Andar, ver, entender

Encaminhar o olhar...

e andar

Tirar do campo da visão

... poluição

Na mente o registro

Invade poluição

Imaginação

Despoluir o olhar

Estabelecer a

Limpeza do ser

O ser material

O ser virtual

O ser imortal

Limpar o olhar

Excessos visuais

O aumento dos comerciais

Determina os olhares

Muitas imagens

Impressionam

Estimulam o comprar
Despolua o olhar
Veja no interior
A limpeza do ser

Não ver é não ter
Ter, não significa, ver

Olho, e não vejo
A poluição que mora
No teu Ser

Autoria Claudio Trindade

(Direitos reservados e garantidos. Lei Autoral 9.610/1998)

Na Pauta: Teatro

Claudio Trindade

Interpretar uma peça
Estimular os sentidos
Do drama à comédia
Choros, sustos e risos
Pele eriça sensibilidade
Coração palpita forte
Descompassa de emoção
Para quem vê... Algo a pensar
O que se vê... O real na ficção
O imaginário... requer reflexão
Trabalhar a alma
Dançar em sons e letras
Deixar fluir sentimentos

Da poesia à encenação
Reflexos da vida
Marcam história
Rompem barreiras
No teatro da vida
Não tem ensaio...

Autoria Claudio Trindade

(Direitos reservados e garantidos. Lei Autoral 9.610/1998)

SEMEAR...

Hora de entender...
Pensar...
No jardim do coração
Plantamos emoções do bem
Compartilhamos pétalas de amor
Amizade é o caule
Tudo está ligado
Cada elo cultivado
Faz a corrente do bem
Compaixão com colegas
Amizade que se ergue
Vida valorizada
Trocas são feitas
Nas raízes da gratidão
Colhemos sorrisos
Aquecemos sentimentos
Plantamos alegria
Emoções são cultivadas

Amizade semeada

Farta colheita do bem

Onde o abraço é troca de energia

O sorriso é um abraço de longe

Teu olhar

Quando o teu olhar cruzou o meu,
A Minha alma estremeceu,
A noite se tornou dia,
A tristeza em alegria.

As flores que ali dormiam, desabrocharam,
E se curvaram diante da mais bela,
A lua, envergonhada, se escondeu,
Pois não possuía um brilho como o teu.

Quando o teu olhar cruzou o meu,
Eu finalmente entendi,
Que não deveria amar as obras de Van Gogh,
Pois a verdadeira obra de arte estava diante de mim!

Cleverton Santos Figueiredo é um estudante de letras-português, foi voluntário no CAPS Luz do Sol onde ministrava a oficina de leitura e escrita (projeto ABC), fundador do Feira sem Desperdício e membro da trupe da alegria, Cleverton é natural de Nossa Senhora da Glória-SE. O jovem começou a escrever contos e crônicas e após uma oficina de poemas se apaixonou pela poesia e agora se aventura, como aprendiz de poeta, Cleverton Figueiredo possui textos publicados em antologias e revistas digitais.



Erik Rodriguês Resende Santos, jovem cristão, poeta, nascido na cidade de Nossa Senhora da Glória/SE onde reside atualmente e membro do Clube de Leitura Professora Josefa Marques.

AMOR DISTANTE

Erik Rodriguês.

Não aceito a ideia
de você estar distante,
me sinto em uma cadeia
de solidão abundante.

Sinto por não poder
ir correndo te encontrar,
morro ao não te ver
vivo ao te abraçar.

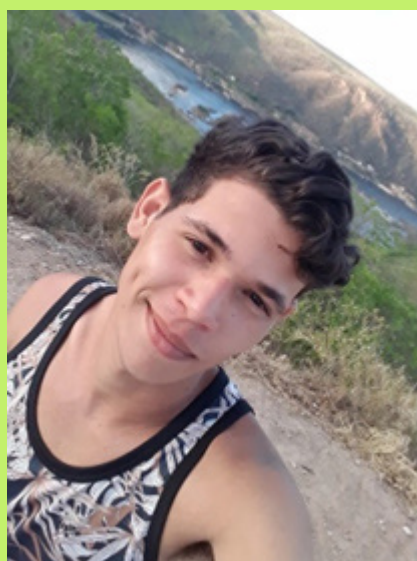
Cavalgando no vento
vou te buscar,
te tenho em meu pensamento
em qualquer lugar.

Não pergunte se te amo
pois não sei não te amar,
não pense que é engano
meu coração não à de se enganar.

Sua voz me faz refletir

sobre o que é puro e verdadeiro,
meu coração inquieto quer partir
te encontrar em um janeiro.

Fala-me se me queres
assim como te quero,
que eu rejeito todas mulheres
e por ti juro que espero.





Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, Essência de Nós e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza

SOLO DA DESUMANIZAÇÃO

Fátima Nascimento Leite

Chove em pétalas
De flores brancas,
Chuvas de lágrimas
De ingratidão tantas...

Transparentes tempestades,
Mas tão pesadas caem,
Fazendo pesar no peito
Águas, que dos olhos saem...

Palavras desditas,
Não verdades, são feridas,
Caminhos com sombras,
Laçadas escondidas.

Perigos encobertos...
Personas non gratas
És pinhos estendidos,
Machucas, maltratas.

Permeias ingratidão
No seio da humanidade,
Sem valorizar a mão
Que lhe fez a caridade.

COMO NASCE UM POETA

Fátima Nascimento Leite

O lirismo são lágrimas,
De uma alma que afora,
Em um momento extremo
É um ser que chora.

Entranhas expostas
No mais íntimo ardor,
Sentimentos que mostram
Uma profunda dor.

Tão sufocados sentimentos
Segurados, presos no peito.
Até que, em um dado momento,
Explode em rimas, não tem jeito.

Quantas noites soluçantes,
Sem um ombro a debruçar,
Inúmeros diários escritos,
Memórias vivas a rasgar.

Palavras escritas estravazadas,
A dor jogada no ar.
Compartilha – se toda a tristeza
Para não se naufragar.

Poeta – lírico brota
Livre como o luar.
Decora ao redor como a rosa,
Perfumando ainda mais ao ar.

O romantismo incompreendido
Pelos filhos da ingratidão,
São espinhos no caminho
Perfurando o coração.

Velejam velas na tempestade
Levando pétalas de flor,
Carregam com elas lágrimas
De um poeta que apenas falava em amor.

Pois nesse plano terrestre,
Não vivemos apenas de alegrias,
Aqui, também há choro e tristeza,
E temos que ter maestria.

Exteriorize – se então
Todos e quaisquer sentimentos,
Valendo -se da união

E respeito em todos os momentos.

Chore com Adélia Prado
E seu lirismo fenomenal,
Ou lendo Henrique Castriciano,
Fazendo de seus poemas, um manual.

Poeta, sozinho não mais estás,
Tua alma se acalmou.
E se alguém ainda não te compreendeu,
Saiba, uma semente você já plantou.

LOUCURA

Que poema eu.

Que poema dar a loucura?

A loucura existe?

São os loucos,

os bizarros,

os excluídos,

o deficiente.

Anjos?

Gaiolas não prendem a loucura.

O estado de luto é:

Caminho da libertação.

Loucura ou cemitérios em festa?

Desistir, martelar?

Desvario!

Da loucura não se tem

desistência;

Com ela você caminha,

como rastros de pegadas na neve.

Portas?

Trancas?

Algemas? Gaiolas?

Nada prende a loucura.

Mas, a certeza é que

o luto bate com força

porém, nesses dias

se vê o que é raro.

Anômalo, tem os olhos como janelas abertas,

enxergam no nevoeiro, o resplendor.

Em dias de sol, desenha com os olhos a cortina da escuridão.

Ao atravessar ruas turbulentas,
esbarrando com seres fragorosos... Foge!
O refúgio é um quarto sem gente, a escrita de um poema.
Troféu é a câmara anecóica da imaginação.

O insólito não cabe no mundo incontestável.
São nuvens que num piscar de olhos troca o desenho.
Borboleta que ao deixar o casulo baila em um miosótis,
bicho da seda em uma amoreira branca se deliciando.

Loucura não! Louco jamais!
Um diferente que precisa ser incluído
em um mundo eliminador.
Anjo, ser cósmico, uma estrela azul.
É como uma minúscula abelha, com ferrão sim,
mas como ninguém, sabe florir o mundo.

Aquele da cor diferente, da raça oposta,
do cabelo fora do padrão, cheio de trejeito.
O que vive para si mesmo. Uma orquídea Garça.
Ser que apenas busca o amor em tanto desamor.

(poema de um autista)

HELENISE DE MELLO BISAGGIO

SEMENTE EM TERRA ESTRANHA

OUTRO DIA MESMO FUI LANÇADA EM TERRA ESTRANHA.

SERES HUMANOS SÃO LANÇADOS AQUI NO PLANETA COMO SEMENTES.

CADA UM DE UMA FORMA ÚNICA, COM SUAS DIGITAIS E ESQUISITICES.

DESDE A LATÊNCIA, SENTIA DOR AO VER A JANELA SEMPRE FECHADA.

LÁ FORA A CHUVA, ESTRELAS, FLORES, CRIANÇAS...

PLÂNTULA!

EU EMBRIÃO;

NO EXTERIOR HAVIA BARULHO, MUITA GENTE, LUZ DEMAIS E TUDO ISSO ATRAPALHAVA TANTO A GERMINAÇÃO. GENTE DEMAIS PODIA ME ENLOUQUECER.

LÁ FORA HAVIA CRIANÇAS BRINCANDO, EU ESPIAVA DAS FRESTAS.

COMO BRINCAR? NÃO CONSIGUIA PULAR CORDA, ANDAR DE BICICLETA, DESCER ESCADAS CORRENDO, SUBIR EM ÁRVORES, ENTENDER REGRAS DE JOGOS, RIR DE PIADAS...?

COMO TER AMIGOS HUMANOS? NASCI AMIGA DE LIVROS E REVISTAS, BRINCAVA DEMAIS COM POESIAS, AMAVA ESTUDAR MAPAS, NÃO SABIA LIDAR COM MUITO BARULHO, FICAVA BIZARRA QUANDO ME ABRAÇAVAM, NÃO GOSTAVA DE BALAS, CHICLETES, TEATRO, PARQUE DE DIVERSÃO E CINEMA?

FESTA DE ANIVERSÁRIO, CHURRASCOS, GRUPOS SOCIAIS E LUZES COLORIDAS E EU NÃO SABIA LIDAR COM NADA DISSO.

LÁ FORA, MUITAS CRIANÇAS, BRINQUEDOS, VOZES ALTAS E SEMPRE PREFERIA BRINCAR COM MEUS DEDOS.

SERES HUMANOS SÃO LANÇADOS EM FORMAS AQUI NESSE PLANETA TÃO IGUAL, EM MOLDES.

AS SEMENTES EXCÊNTRICAS SEMPRE LANÇADAS NO FOGO.

DIGITAIS E AS SEMENTES SÃO TODAS DESSEMELHANTES. A DIVERSIDADE NÃO GERMINA MUITO BEM EM TERRA TÃO IGUAL.

DOMINGO, JANELA FECHADA E EU AINDA CONSEGUIA VER PELA FRESTA O JOGO DE BOLA DAS OUTRAS CRIANÇAS.

COMO UM BICHO DA SEDA, TECIA MEUS CASULOS NOS LIVROS DOS CONTOS DE FADAS, NOS GALHOS DAS AMOREIRAS, NOS PÉS DE LARANJAS DAS CIDADEZINHAS DO INTERIOR E DEIXAVA SEMPRE UMA FRESTA PARA OLHAR AS CRIANÇAS BRINCANDO.

NÃO! NÃO FUI EU, TODOS TENTARAM ME TRANCAR, ESCAPEI POR OSMOSE.

O CATIVEIRO VEIO COMIGO DO ALÉM, MAS CATIVEIRO NÃO CONSEGUE TRANCAR O PROCESSO DE GERMINAÇÃO, UMA HORA OU OUTRA SURGE A RADÍCULA. TECIA O CASULO DE SÁBADO A SÁBADO.

DEIXEI A FRESTA PARA ENXERGAR O CÉU E CONTAR OS CARNEIRINHOS. O CÉU ME FASCINAVA E FASCINA, GENTE ME CONFUDE.

SEMENTES EM TERRAS ESTRANHAS. SEMENTES SÃO LEVADAS PELA VENTANIA E VÃO GERMINAR NOS PALÁCIOS, NOS PALCOS, NAS TELAS, EM OPERAS, NOS JARDINS, NAS ESCOLAS E NOS POEMAS.

NAS ESCOLAS MUITAS VEZES NÃO SE ENCAIXAM PERFEITAMENTE, POIS MUITAS SÃO FORMAS DE CRIAR ESTÁTUAS IGUALZINHAS.

A VENTANIA LEVA SEMENTES PARA OS DESERTOS E ALI FLORESCEM.

DAS SEMENTES ESTRANHAS NASCEM ÁRVORES TÃO SAGRADAS QUANTO O BAOBÁ. É SÓ QUESTÃO DE TEMPO.

O BAOBÁ DÁ SOMBRA, A SEMENTE GERMINA E JANELAS SE ESCANCARAM, O QUE ERA IMPOSSÍVEL É REINICIADO TORNANDO REAL ANDAR DESCALÇO NA RELVA, TOCAR AS ESTRELAS, COLHER MUITAS FLORES E VIVER MESMO SENDO SEMENTE EM TERRA ESTRANHA.

(Autobiografia de um AUSTITA)

HELENISE DE MELLO BISAGGIO

Ode à Flauzineide

Do mar ela é...

Mesmo quando lá não está

Mesmo quando nele não pensa...

Por ser ele, ela!

Do mar ela é...

Até quando se desnuda do sal,

Sempre se despe de qualquer mal,

Para flutuar com doçura!

Do mar ela é...

E sempre se veste de infinito...

Tornando o horizonte ainda mais bonito!

Por sua capacidade de amar!

Do mar ela é...

Assemelhando-se à essa imensidão...

Tenha o mar ondas ou não!

Ainda assim ela vai e vem...

Em movimentos sem fim!

Do mar ela é...

E com ele aprendeu a pescar

Juntando essências e auras,

Com muito amor e toda a calma...

Do mar ela é..

Por encantar como uma sereia...

Juntando a todos na areia

Sem a menor distinção!

Do mar ela é...

Isso não dá pra negar...

Está no corpo, no rosto, na alma...

E nem é preciso olhar!

Janyclely Fonsêca

Em Assú, na feira!

Um dia distante de agora

Quando mãe ainda vivia

Em Assú pela feira afora

Lá amanhecia o dia

E como era gostoso

Provar cuscuz com café

Ah! Era tão prazeroso

Quando lembro choro até

Poetisa Janyclely Fonsêca


Raios de sol

NETINHAS: Tiffany e Esteffany

Não importa a hora nem o momento

Sempre brilhantes vocês estão


E iluminam meus pensamentos

Como raios de sol em meu coração 

A alegria faz partes desses instantes

Em que juntas damos asas à magia


Para mim tão serenos e importantes


Que nada me faz esquecer tal euforia 

Tenho sempre guardados na lembrança

Todos os nossos dizeres e ações

Que estão sempre cravados de esperança

E bordando de amor nossos corações 

Não poderia em palavras descrever
O que sinto de corpo presente ou ausente
Mas sinto invadir todo o meu ser
Esse amor puro, sincero e reluzente! 

Poetiza vó Janyclely Fonsêca

INSPIRAÇÃO...

Um poeta nunca suprime
a poesia do outro
pois sempre será sublime,
e esse continuar exalta
Toda a inspiração
que do outro fez brotar...
como das suas veias
o correr do sangue
que incessante percorre
o caminho do coração
e transforma todos os versos
em suave dedicatória
vinda do outro lado pra completar a história!

Janyclely Fonsêca

.....

SINGULAR (um carinho aos autistas)

Especial apresenta-se o seu coração

Sensível mostra-se o seu ser

Que eleva as suas sensações

Mesmo com algumas “*restrições*”!

Conexões com o mundo

Reconstruções diárias

Um passo de cada vez

Assim, o aprendizado não precisa de um “*talvez*”.

Seja como for...

Flor que desabrocha todas as manhãs

Conchas coloridas que enfeitam a areia fina

Pássaro feliz ao explorar a paisagem

Desde a infância... é preciso compreender cada mensagem!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

A mulher que eu sou

Eu sou aquela mulher
guerreira cheia de força.
Não me abalo.
Nem desisto.

Rimo meus versos.
Trabalho em diversos
metros.
Sou forte e capaz.

A mulher que eu sou.
É cara e rara.
Nem Londres e Páris
tem eu.

Eu sou uma mulher:
Forte, cheia de garra
e determinada.
A mulher que eu sou.

Ser mulher

Ser mulher é difícil.
Ser mulher é preciso.
Terço mil versos.
Poeto mil razões.

Mulher forte.
Mulher gente boa.
Mulher danada.

Ser mulher.

Mulher cheia de garra.

Ser mulher.

Ser rara.

Versos doces.

Versos de amor.

Mulher doce verso é.

Biografia:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa brasileira. Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) patronesse Ruth Guimaraes cadeira 39. Participa de diversos concursos literários.
Instagram: @liecifranborgesmartins

Procissão de Penitência

É Sábado de Passos
E no ocaso do dia
Com os pés descalços
Cumprimos a liturgia

Subo a grande ladeira
Com os passos lentos
Cercado de romeiros
Em busca de alento

Cercado de queijadas
Adentro a Rua Direita
Entre os pedintes
Com preces aceitas

Em meio caminho
Ecoa o tinido
Pois o sino anuncia
O grande alarido

No alto do Carmo
A cruz rompida
A testemunhar
A história vivida

Em noventa e dois
Ao vestir o Bom Jesus
O raio cruzou os templos
No ímpeto da Divina luz

Pela Praça do Carmo
Se estende a lenta corda
De romeiros penitentes
Em fé que transborda

Ao cruzar a Porta Santa
Vislumbro o Cristo escondido
Coberto por purpúreo véu
De angústia afligido

Vejo-me diante do Santo
Após longa jornada
Toco os pés feridos
Da relíquia sagrada

Após um ano de espera

Cumpro a desobriga
Ao cruzar engatinhado
A charola antiga

Permaneço em silêncio
A segurar a ponta da cruz
Em contida prece
Por benesse do Bom Jesus

E chegam os romeiros
Velhos irmãos de devoção
Vão tomando os seus lugares
Seguindo a tradição

Terminada a Eucaristia
Com o brônzeo a dobrar
Os romeiros se aconchegam
Para o Cristo trasladar

O grande sino anuncia
A saída da procissão
Dobra em agonia
Em clamor pelo perdão

Nas mãos do povo
Em passos apertados
Sai o Senhor dos Passos
Em rito abençoado

E ao cruzar a porta
Em estreita agonia
“Baixem o Senhor dos Passos!
Pelas Dores da Virgem Maria!”

E no Largo do Carmo
Vejo-me extasiado
A sair o Senhor dos Passos
Pelo limiar apertado

Ergue-se a charola
E desliza praça adentro
Entre a massa contrita
No solene evento

E o largo transmuta-se
Em bálsamo abrasivo
Com a passagem do Senhor
O Cristo dos olhos vivos

Na cúpula celeste
Em noite de lua cheia
A iluminar os caminhos
Que romeiro pisoteia

Segue a procissão
Pelo beco apertado
E no cortejo propaga
O cheiro de cabelo queimado

No rastro da procissão
Seguem os promesseiros
Que rastejam ajoelhados
Sempre os derradeiros

Também tem romeiro
Embaixo da charola
A cumprir a penitência
E a graça rememora

A procissão também tem
Trambiqueiro e gatuno
Limpando os bolsos pobres
Como ganha-pão oportuno

A devota fez o rogo
De segurar o Bom Jesus
Empurra, puxa e grita
E não solta a Santa Cruz

Ao chegar ao Santuário
A charola faz a virada
E o romeiro agradece
Pela santa jornada

Ao cumprir a sua promessa
Se despe da mortalha
E sobre o Senhor dos Passos
De pano roxo o céu orvalha

Assim termina a procissão
De Nosso Senhor dos Passos
Um ritual de penitência
Feito com os pés descalços

Magno Francisco de Jesus Santos

Veinte de enero

Mi casa está llena de objetos del pasado.

Cosas que vinieron de visita

y se fueron quedando.

Cosas que viajaron por diferentes domicilios

para finalmente recalar en alguna parte de la vivienda

a la espera de imprevisibles rachas.

Cosas que se fueron transformando en otras

con tal de evitar los vacíos temporales o

la voracidad de las polillas.

Cosas que pasaron del plano utilitario al

plano estético. O viceversa.

Cosas que el descuido cubrió con la pátina del óxido

para que re-nacieran en formato antigualla.

Entre todas esas cosas hay un vetusto escritorio de oficina.

Era de mi padre. Y sobre su tabla trabajé casi toda mi vida.

Escribiendo. Leyendo. Corrigiendo. Inventando.

Claro que es un objeto. ¿Algo menos que una persona?

¿Una forma sin ánima?

De dimensiones poco funcionales para ambientes estrechos.

De madera noble.

De contextura robusta.

Con enormes y profundos cajones a cada lado.

Y tablillas deslizantes para ubicar una máquina de escribir

-de las de antes-, por supuesto.

Hace pocos días y por casualidad

la visión de un mueble casi mellizo lo deslizó en mi pensamiento.

El magnetismo con que se agrupan las ideas

trabajó –clandestinamente- durante el sueño y la vigilia

hasta que me detuve frente a él.

Y entonces un ovillo de sensaciones/emociones

se fue soltando. Y el hilo flojo en torno a su imagen,
lo atrajo hacia la subjetividad negada a las cosas.

De modo tal que

he podido escuchar sus crujidos.

Y en el fondo de la rechinante algarabía de su madera

la voz de mi padre empastada

con los tonos de su paleta,

el sibilante deslizamiento de su lápiz,

el arcoiris de ese montón de sellos de correo

a través del cual solía viajar,

el vaso de vino exasperado pero silencioso,

su caña de pescar con anzuelo de niebla,

sus grandes libracos del debe y el haber,

la colilla (que alguna vez pitó a escondidas)

—en suspenso— al borde de un escalón

y esa frase acorralada por cavernosos rasguídos

con que pareció despedirse de mí

mientras entraba en el silencio definitivo.

Y- de pronto- allí, de pie, apoyado sobre mi biblioteca,

con un libro entreabierto

y los ojos lejanos

lo he vuelto a ver.

Quizás, él también me haya estado mirando, durante largo rato

- y mucho antes-

a través de las sedas del desvelo

cuando -niña aún-

jugaba a extraer melodías de ese invisible piano que prefigura

toda máquina de escribir.

María Cristina Arostegui

Paseando por el Jardín Botánico

Cactus redondos. Inmensos.

¡Audaces y verdes cactus!

Un camino posible:

entrar por la aridez,

internarse en la tupida mata

en su follaje cerrado, fragante de lluvia.

Pequeña cascada

entre franjas de luz: piedra que fluye.

La ensimismada flor del irupé en su pequeño estanque.

Rara belleza de la orquídea

en su casa de vidrio que huele a pantano.

Un lago artificial... En la orilla

se alzan las agujas pardas del cipreste calvo.

Estorba

al barroquismo silvestre del entorno

tan altiva fuente neoclásica...

Sin embargo

la torre bajo tapiz de hojas

nos invita a entrar.

Árboles, arbustos, ramas y más ramas.

Caminos rugosos-nudosos- tortuosos.

En medio de la bruma, un templo-laberinto

donde la mano del hombre ha imitado

a la de un Dios al que pocos

conceden atención.

De pronto nos perdemos...

¿Dónde está la salida?

Y volvemos sobre nuestros pasos sin temor

porque en última instancia

el encierro nos abre.
Nos ilumina con sus fosforescencias
de verdor.

No puede uno quedarse a vivir en un jardín botánico...
Aunque no estaría mal...

Al fin encontramos la senda humedecida,
humedecidos también por la garúa.

Un poco más allá,
el espacio Jobim con su leña musical,
su arborescencia de canciones y poemas.
Las nubes tienen forma de guitarra.
A través de ellas hemos viajado
para encontrarnos
en el corazón de la floresta.
En su fiesta vegetal.

San Sebastião de Río de Janeiro
nos habitó por unos días.
Su bahía de Guanabara, sus morros y el sinuoso contorno
de sus playas entraron por nuestros ojos
y se fueron deslizando hasta acariciarnos por dentro
con el más tibio asombro.

Pasear por el Botánico
fue como haber entrado en una escala tonal
donde germinan
el sonido y el silencio
con el ritmo dispar de lo terrestre.

María Cristina Arostegui

RESEÑA BIOGRÁFICA DE LA AUTORA

María Cristina Arostegui nació en Bs. As., en 1949.

Es egresada de la Facultad de Filosofía y Letras de UBA, con los títulos de Profesora y Licenciada en Letras.

Cursó estudios de post-grado en España y participó del Curso Avanzado de Lengua y Cultura Portuguesa en la Universidad de Lisboa.

Se desempeñó como docente en el nivel medio hasta 2006 y en el nivel universitario como profesora Examinadora en el Traductorado de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de UBA, entre 1992-1996. Realizó traducciones del portugués para la editorial La Colmena. También fue colaboradora de la Editorial Colihue, para la cual realizó prólogos y propuestas de trabajo en la colección Ly C:

El jorobadito, selección de la obra narrativa de Roberto Arlt (en colaboración).

La metamorfosis de Franz Kafka.

Pretextos para un crimen de Alma Maritano.

Fue becaria del Instituto de Cooperación Iberoamericana-Madrid, 1980-1981 y del Instituto de Lengua y Cultura Portuguesa, un semestre en 1990. Obtuvo en 1988 la beca de Creación otorgada por el Fondo Nacional de las Artes.

Publicó los libros de poesía:

Río Ascendente, Colección Guiomar, 1983-Primer premio del Aula Antonio Machado -Oficina Cultural de la Embajada de España.

Línea desnuda, Editorial Filofalsía, 1989. Con el auspicio de la beca del FNA.

Arce rojo o la escritura del tiempo, Editorial En Danza, 2017.

Publicó ensayos:

La temporalidad en la poesía de Carlos Bousoño, incluido en el volumen **Ensayos de Crítica Literaria, 1983**, Ed. De Belgrano. Mención en el certamen Coca-cola en las Artes y las Ciencias.

Confluencia de las Artes en el mensaje poético- Propuesta de análisis aplicada al poema "Blanco" de Octavio Paz, incluido en el volumen **Encuentro de la Literatura con la Ciencia y el Arte**, Juana Arancibia Editor, 1990.

La noche boca arriba, una búsqueda de otro cielo, incluido en el volumen **Cortázar, doce ensayos**, Ed. El Arca, 1994. Primer premio en el certamen organizado por la Fundación Banco Mercantil en homenaje a Julio Cortázar, 1994.

Fernando Pessoa, único y múltiple. Inédito.

Clarice Lispector: clímax de una escritura que fluye. Inédito.

Ha publicado poemas, artículos y reseñas en revistas literarias del país y del exterior.

Soneto para as mães

Olivaldo Júnior

Das bombas nucleares ou dos lares
As mães ressurgem sempre, campeãs
Como se delas fossem os lugares
Em que despertam todas as manhãs.

As mães, mulheres fortes, vão lutando
Vão renascendo e até fazem de conta
Que nunca sofrem, nunca estão chorando
Quando não há mais grana em sua conta...

Quando não há mais jeito de ser moça
E os filhos querem toda sua essência
Tudo que às mãos do tempo vira poça.

Onde a mulher que estava aqui, menino?!
Virou a mãe que dá colo à existência

Mesmo querendo que haja outro destino...

Biografia

Olivaldo Júnior nasceu em Aguaí, São Paulo, mas mora em Mogi Guaçu desde criança. Seus pais, sempre que podiam, o incentivavam lhe comprando os discos e os livros que pedia. Apaixonado por arte, é formado em Radialismo: Setor Locução pelo Senac São Paulo e plenamente licenciado em Letras, com Habilitação em Português/Inglês, pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada (FIMI).

Seus textos têm obtido diversas classificações, nos mais variados gêneros, em inúmeros concursos literários, regularmente.

Seu contato: @olivaldo.junior.

Maré cheia

Patrícia de Campos Occhiucci

O pescador, com sua rede
reverencia a rainha do mar
das águas, que não matam sede
mas, com os peixes, irão ganhar
o provimento, e que se apiede
mande muitos, querida Iemanjá!

Onde mora a Iara, sereia
o trabalhador se encanta
no balanço do barco, mareia
e até o cansaço espanta
cardume, amarrado na teia
garantirá para muitos a janta!

Protegidos dos acidentes
pelo litoral, com suas iscas
seus filhos, já aprendentes
sob o farol, num pisca-pisca
verão as ondas, novamente
e dourados, tilápias, mariscas.

PELA FRESTA DA JANELA

Disfarço-me de lua

Sol sorri faceiro

Fecha-se a cortina

ENCANTOS DO OCASO

Renasço a cada manhã

Do outro lado, flui a vida

Sol aquece meus dias

NOS OUVIDOS DO VENTO

Confessei todo meu amor

Restaram-me saudades

Volto a sonhar dormindo

Rita Queiroz

DANADINHA DE TEIMOSA

Haicai

Frio do cimento

A Florzinha viviceja

Raizes ao vento

ronaldo ribeiro jacobina

MINIMALISTA POESIA EM TUDO

Poetrix

Poemeto Li, Poetrix, Haicai

Bastam três versos

A alma se refaz

ronaldo ribeiro jacobina

EM TRÊS

Poemeto Li

(Poemas em Tercetos Livres)

Eis, enfim, poemas em três versos

Haicai, Poetrix e, como este, Poemeto Li

Agora, livres nas sílabas estão os tercetos

ronaldo ribeiro jacobina

Brumas

Rosangela Mariano

São Leopoldo RS

.....

jasmins

querubins

serafins

colibris

.....

pedras

aladas

transpiram

amores

.....

girassóis

miosótis

rosas

e

ervas

....

a noite

estendeu

seus

braços

em brumas...

- Encantou-se

o jardim...

Instagram: marihanaescritora

Cachoeiras pela manhã

Reflexos inflexíveis, que flexionam quando as mãos se tornam conchas na lavagem matinal do rosto.

Por um momento, som de oceano, infinito, transparentemente opaco, finito, que sendo emanado de uma pia ao ralo,

Gera o esquecimento momentâneo dos problemas mais mundanos,

Purificação.

Água corrente, única corrente que liberta a semente que brota nas terras da mente.

6h30 AM.

Regamos vasos mas esquecemos de fazer o mesmo com nossos corações,

É preciso trabalhar e sobreviver.

Olhos de poça, problemas lavados, mentiras deslavadas.

A chuva cai como uma canção lá fora e tudo bem.

Quantas gotas será que caíram enquanto eu me sentia triste?

Como um mosquito, preso em uma teia que eu mesmo inventei.

O tempo me tornou um incendiário.

Cansado de ficar imóvel, por um vago espaço que ainda resta,

Como uma vitória régia, molhada por baixo, seca em cima, tentando transbordar.

Como uma constelação esparramada pelo céu noturno,

Em busca de um sentido para viver.

Teclado oceânico

Quando criança, somos bons em tudo que fazemos,

Tomados por uma fúria de inspiração,

Diante da aprovação dos adultos.

Crescemos e nossos tutores viram nossos chefes,

Os cadernos de escrever groselhas, brainstorm de produtividade sem fim.

O espelho, um mero relógio de ponto,

Nós continuamos a escrever,

Sem toda a aprovação do mundo,

Esperando que a qualquer momento,

As linhas do excel possam chegar ao fim.

E tudo se dá como, finalmente, resolvido.

Como uma erupção nas costas de uma âncora,

Que afundava esperando pelo acalentador fundo do mar.

Agora, sem mais esforço para boiar,

Sem mais espaço para afundar,

Cansada de transitar entre laços e contas correntes.

Finalmente quieta, junto às cracas e caranguejos,

Sem teclado, planilhas ou tempo,

Apenas o fluir do oceano,

E o vir e devir de criaturas que apenas sobrevivem,

Sem mágoas ou ressentimentos.

Quando tudo se torna estranho

As máscaras de proteção não conseguem esconder o que realmente somos.

E talvez isso seja um problema,

Diante dos relógios que derretem e dos anos que se misturam.

Tudo sempre escasso e por um fio,

Difícil ver o abismo em cima de um navio,

Ou se já estamos nele há muito tempo.

Você percebe que a rede social,

É apenas uma busca incessante de aprovação.

Resumida em curta, botão subjetivo, que pode significar milhares de coisas e

Ao mesmo tempo, nada.

Mas posta mesmo assim.

Sérgio Gabriel é um escritor e compositor nascido em Jundiaí, SP. Criado em uma pequena vila de ferroviários, escreveu seus primeiros poemas embalado pelos sons das locomotivas e dos transeuntes urbanos, fatos que o influenciaram a esboçar uma perspectiva crítica a respeito das narrativas que o circundam e reflexiva a respeito da vida, desde muito cedo.

Gratidão: Abril e Maio

Pelo mês de abril, gratidão,
Por cada emoção,
Inspiração e bênção pelos dias vividos.

A este mês que se vai,
A ele, esperança de nos encontrar
No próximo ano com muita alegria e amor.

Ao mês de maio que chega,
Encho meu coração
De gratidão, amor,
Esperança e fé nos novos dias.

Com fé, tenho certeza
Que será um mês maravilhoso
E abençoado pelas graças de Deus,
Que sempre tem as melhores bênçãos para nós.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos recursos gratuitos do Canva (2024)

Biografia:

Thais Faustino Bezerra - Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).

Gratidão, Deus!!!!

Eu não fiz nada (a ideia)

Crucificados pelo sistema
Surrados, massacrados, amordaçados.

Mas nunca fazemos nada:

Poesia é pouca!

Arte é pouco!

É essa a história:

É mentir pra ser amado

É esquecer pra ser lembrado.

Tiago Malta A.K.A Miçanga!



Resenhas

REFERÊNCIA

SOARES, M. Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método. *In*: SOARES, M. Alfabetização e letramento. 7ª ed., São Paulo: Contexto, 2017, p. 177-184.

Magda Soares, pesquisadora da área de educação, apresenta em seu artigo «Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método» uma análise aprofundada sobre a obra e o impacto do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire no campo da alfabetização. O texto oferece uma reflexão crítica sobre as ideias de Freire, indo além da simples descrição de seu método pedagógico, e explora sua relevância no contexto educacional contemporâneo.

Soares inicia sua análise situando Paulo Freire como uma figura seminal no cenário da educação, cujas ideias transcendem fronteiras geográficas e temporais. Ela destaca a abordagem humanista e libertadora de Freire, centrada na conscientização e na transformação social através da educação. Em sua obra seminal «Pedagogia do Oprimido», Freire propõe uma pedagogia baseada no diálogo, na problematização e na participação ativa dos educandos, desafiando as estruturas tradicionais de ensino.

Uma das contribuições mais significativas do artigo é a análise da atualidade das ideias de Freire no contexto contemporâneo. Soares argumenta que, mesmo décadas após sua publicação, as ideias de Freire continuam a inspirar educadores em todo o mundo, especialmente em sociedades onde a educação é vista como um instrumento de emancipação social. Ela ressalta a importância da pedagogia freiriana no enfrentamento das desigualdades sociais e na promoção da justiça educacional.

No entanto, o artigo não se limita a exaltar as contribuições de Freire; também oferece uma análise crítica de sua obra. Soares levanta questões importantes sobre a aplicabilidade universal do método de Freire, reconhecendo as dificuldades práticas de implementá-lo em diferentes contextos educacionais. Ela destaca a necessidade de adaptar as ideias de Freire à realidade específica de cada comunidade, levando em consideração suas particularidades culturais, sociais e econômicas.

Além disso, o texto contextualiza a obra de Freire dentro do panorama mais amplo da alfabetização e da educação no Brasil e no mundo. Soares reconhece tanto as realizações de Freire quanto as críticas que ele recebeu ao longo dos anos, destacando a importância do debate e da reflexão crítica na construção de práticas educacionais mais eficazes e inclusivas.

Uma das contribuições mais valiosas do artigo é a análise da recepção das ideias de Freire em diferentes contextos

1 Graduação em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduação em Psicologia e Educação pela FAVENI. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com

educacionais. Soares examina como as ideias de Freire foram interpretadas e adaptadas por educadores em diversos países e contextos culturais, destacando a diversidade de abordagens pedagógicas que surgiram a partir de sua obra.

Em resumo, «Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método» oferece uma análise perspicaz e equilibrada do legado de Paulo Freire no campo da educação. Magda Soares apresenta uma reflexão crítica sobre as ideias de Freire, reconhecendo sua importância duradoura e sua complexidade como pensador educacional. O artigo é uma leitura essencial para todos os interessados na teoria e na prática da educação, oferecendo insights valiosos para educadores, pesquisadores e estudantes.

REFERÊNCIA

SOARES, M. As Muitas Facetas da Alfabetização. *In*: SOARES, M. Alfabetização e letramento. 7^a ed., São Paulo: Contexto, 2017, p. 13-28.

A resenha crítica do artigo «As Muitas Facetas da Alfabetização», de Magda Soares, começa por situar tanto o artigo quanto a autora dentro do contexto mais amplo da alfabetização e dos estudos educacionais.

Magda Soares é uma pesquisadora brasileira na área de alfabetização e letramento, reconhecida nacional e internacionalmente por suas contribuições teóricas e práticas para o campo da educação. Seus trabalhos têm sido fundamentais para a compreensão das diversas dimensões do processo de alfabetização e para o desenvolvimento de estratégias de ensino mais eficazes.

O artigo «As Muitas Facetas da Alfabetização» provavelmente aborda diferentes aspectos relacionados ao processo de alfabetização, explorando desde as questões mais básicas, como a aquisição das habilidades de leitura e escrita, até questões mais complexas, como o papel da cultura e da linguagem na construção do conhecimento.

O tema da alfabetização é de extrema importância na área de estudos educacionais, pois é a base para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e para o acesso ao conhecimento em diversas áreas do saber. Um bom processo de alfabetização não apenas ensina as habilidades básicas de leitura e escrita, mas também promove o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da capacidade de comunicação, habilidades essenciais para a participação ativa na sociedade contemporânea.

O artigo «As Muitas Facetas da Alfabetização», de Magda Soares, aborda diversas dimensões do processo de alfabetização, explorando desde as habilidades básicas de leitura e escrita até questões mais amplas relacionadas ao contexto cultural e social.

Soares discute a importância de uma abordagem ampla e integrada da alfabetização, que vá além do ensino mecânico de habilidades linguísticas. Ela destaca a necessidade de considerar as experiências culturais e sociais dos alunos, bem como as práticas de letramento em seu ambiente, para promover um processo de alfabetização mais eficaz e significativo.

Ao longo do artigo, Soares também analisa as diferentes concepções de alfabetização e letramento, destacando suas implicações para o ensino e a aprendizagem. Ela argumenta que o letramento não se limita à habilidade de decodificar letras e palavras, mas envolve também o domínio de práticas sociais e discursivas que utilizam a escrita como meio de comunicação.

Além disso, Soares discute o papel dos professores e das práticas pedagógicas no processo de alfabetização, enfatizando a importância de uma abordagem reflexiva e contextualizada. Ela sugere que os educadores precisam estar atentos às necessidades individuais dos alunos e às características de suas comunidades para desenvolver estratégias de ensino mais eficazes.

1 Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduando em Psicologia e Educação pela FAVENI. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com

Ao final do artigo, Magda Soares destaca a importância de uma abordagem holística da alfabetização, que reconheça e valorize a diversidade linguística e cultural dos alunos. Ela enfatiza a necessidade de políticas educacionais que promovam a equidade e o acesso igualitário à educação, garantindo que todos os alunos tenham a oportunidade de desenvolver plenamente suas habilidades de leitura e escrita.

A análise crítica do artigo «As Muitas Facetas da Alfabetização», de Magda Soares, requer uma avaliação cuidadosa da qualidade e clareza dos argumentos apresentados, bem como da metodologia utilizada, contribuições para o campo de estudo da alfabetização e possíveis lacunas ou limitações.

Em relação à qualidade e clareza dos argumentos, Soares apresenta uma argumentação coerente e bem fundamentada, sustentada por uma vasta gama de evidências teóricas e empíricas. Ela articula de forma convincente a importância de uma abordagem ampla e integrada da alfabetização, indo além da simples decodificação de letras e palavras para incluir aspectos culturais, sociais e discursivos. No entanto, pode haver momentos em que uma maior contextualização ou exemplos práticos poderiam tornar os argumentos mais acessíveis ao público em geral, especialmente aqueles fora do campo acadêmico.

A metodologia utilizada no artigo parece ser principalmente de natureza teórica e descritiva, com Soares recorrendo a uma variedade de fontes acadêmicas para embasar seus argumentos. Embora a abordagem teórica seja apropriada para o objetivo do estudo, uma maior inclusão de estudos de caso ou pesquisa empírica poderia fortalecer ainda mais as conclusões apresentadas. Além disso, uma explicação mais detalhada sobre o processo de seleção das fontes citadas poderia aumentar a transparência e a confiabilidade do trabalho.

As contribuições do artigo para o campo de estudo da alfabetização são significativas. Soares oferece uma análise abrangente e perspicaz do processo de alfabetização, destacando a importância de uma abordagem holística e contextualizada. Suas reflexões sobre a natureza do letramento e o papel dos professores no ensino da alfabetização são especialmente relevantes para educadores e pesquisadores interessados em promover uma educação de qualidade.

No entanto, uma possível lacuna no argumento apresentado por Magda Soares é a falta de uma discussão mais aprofundada sobre as estratégias específicas de ensino que podem ser implementadas para promover uma abordagem integrada da alfabetização. Embora ela destaque a importância da reflexão pedagógica e da consideração das necessidades individuais dos alunos, uma exploração mais detalhada de práticas de ensino eficazes poderia enriquecer ainda mais o trabalho.

Além disso, Soares poderia explorar mais profundamente as implicações de suas conclusões para a prática educacional em diferentes contextos, considerando variações regionais, socioeconômicas e culturais que podem influenciar o processo de alfabetização.

O artigo «As Muitas Facetas da Alfabetização», de Magda Soares, está inserido no contexto amplo do campo de estudo da alfabetização e do letramento, uma área de pesquisa fundamental para a compreensão do processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

No cenário acadêmico, o trabalho de Soares dialoga com uma série de outros estudos que abordam questões semelhantes relacionadas à alfabetização e ao letramento. Autores como Paulo Freire, Emilia Ferreiro, Kleiman entre outros, contribuíram significativamente para o entendimento da complexidade do processo de alfabetização e para o reconhecimento da importância do contexto cultural e social na construção do conhecimento.

O artigo de Soares também se relaciona com teorias existentes sobre a alfabetização, como a perspectiva sociocultural de Vygotsky, que destaca o papel da interação social e da cultura na aprendizagem, e a teoria dos mundos discursivos de Bakhtin, que enfatiza a importância do contexto social na produção e interpretação de textos escritos.

No que diz respeito ao impacto potencial do artigo no ensino da alfabetização e nas políticas educacionais, suas

descobertas têm implicações significativas. Ao destacar a importância de uma abordagem holística e contextualizada da alfabetização, o trabalho de Soares pode influenciar a forma como os educadores planejam e implementam suas práticas pedagógicas.

Por exemplo, suas reflexões sobre a necessidade de considerar as experiências culturais e sociais dos alunos podem levar os professores a adotar estratégias de ensino mais inclusivas e culturalmente sensíveis, que reconheçam e valorizem a diversidade linguística e cultural presente na sala de aula.

Além disso, as conclusões do artigo podem informar o desenvolvimento de políticas educacionais mais abrangentes e equitativas, que busquem promover uma educação de qualidade para todos os estudantes, independentemente de seu contexto socioeconômico ou cultural.

Por exemplo, políticas que incentivem a formação continuada de professores, o desenvolvimento de materiais didáticos culturalmente relevantes e o apoio à criação de ambientes de aprendizagem inclusivos podem contribuir para melhorar os índices de alfabetização e letramento em comunidades marginalizadas e em situação de vulnerabilidade social.

Na resenha crítica do artigo «As Muitas Facetas da Alfabetização» de Magda Soares, exploramos diversos aspectos do trabalho, começando com a introdução do artigo e situando-o no contexto mais amplo da alfabetização e dos estudos educacionais. Em seguida, fizemos um resumo objetivo e conciso dos principais argumentos apresentados por Soares, destacando sua abordagem holística e integrada da alfabetização, que vai além das habilidades básicas de leitura e escrita para incluir aspectos culturais, sociais e discursivos.

Na análise crítica, avaliamos a qualidade e clareza dos argumentos, considerando a relevância das fontes citadas e a coerência do raciocínio. Concluímos que os argumentos de Soares são convincentes e bem fundamentados, embora uma maior contextualização e exemplos práticos poderiam tornar os argumentos mais acessíveis. Além disso, discutimos a metodologia utilizada no artigo, sugerindo que uma maior inclusão de estudos de caso ou pesquisa empírica poderia fortalecer ainda mais as conclusões apresentadas.

Exploramos as contribuições do artigo para o campo de estudo da alfabetização, reconhecendo sua importância na promoção de uma abordagem holística e contextualizada da alfabetização. No entanto, identificamos possíveis lacunas no argumento, como a falta de uma discussão mais aprofundada sobre estratégias de ensino específicas e implicações práticas mais detalhadas de suas conclusões.

Na conclusão, recapitulamos os principais pontos discutidos na resenha, destacando a relevância do trabalho de Soares para o ensino da alfabetização e para o desenvolvimento de políticas educacionais mais equitativas e contextualizadas.

Minhas reflexões finais sobre o artigo incluem a admiração pela abordagem integrada e sensível de Soares à alfabetização, reconhecendo a importância de considerar as experiências individuais e contextuais dos alunos. Acredito que sua ênfase na valorização da diversidade cultural e linguística pode inspirar educadores e formuladores de políticas a adotarem uma abordagem mais inclusiva e culturalmente sensível à alfabetização.

Para pesquisas futuras com base nas descobertas do artigo, sugiro explorar mais a fundo as estratégias de ensino específicas que podem ser eficazes na promoção de uma abordagem holística da alfabetização. Além disso, seria interessante investigar mais a fundo as implicações práticas das conclusões de Soares em diferentes contextos educacionais e culturais, bem como desenvolver intervenções baseadas em evidências para melhorar os índices de alfabetização em comunidades marginalizadas.



Resumos

RESUMO

No contexto da educação, a alfabetização e o letramento são fundamentais para o desenvolvimento pleno dos indivíduos, porém persistem desafios na promoção dessas habilidades, especialmente em ambientes com recursos limitados e práticas pedagógicas inadequadas. A dicotomia entre a alfabetização básica e o letramento eficaz é o cerne do problema, onde muitos alunos adquirem as habilidades básicas de decodificação, mas enfrentam dificuldades para aplicá-las em situações cotidianas, resultando em uma falta de compreensão profunda da linguagem e incapacidade de pensamento crítico. Nesse sentido, a justificativa para este estudo é a necessidade de abordar a alfabetização e o letramento de forma integrada, visando garantir um desenvolvimento completo das habilidades de linguagem dos alunos, promovendo uma compreensão crítica, reflexiva e contextualizada. Os objetivos incluem investigar lacunas na promoção da alfabetização e letramento, desenvolver estratégias pedagógicas integradas e avaliar seu impacto na melhoria dessas habilidades. A metodologia adotada será qualitativa e participativa, com observações em sala de aula, entrevistas com educadores e análise documental para identificar necessidades e desafios. Estratégias pedagógicas serão desenvolvidas e implementadas, com monitoramento contínuo do progresso dos alunos e ajustes conforme necessários. Os resultados esperados incluem uma melhoria na compreensão e aplicação das habilidades de leitura e escrita, bem como no pensamento crítico dos alunos. Adicionalmente, espera-se que as estratégias desenvolvidas sirvam como modelo para outros educadores, contribuindo para uma abordagem mais integrada e eficaz da alfabetização e letramento na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Desenvolvimento pleno dos indivíduos; Letramento; Práticas pedagógicas.

¹ 1 Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduando em Psicologia e Educação pela FAVENI. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com.

DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS LITERÁRIAS: INTEGRAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Alexandre dos Santos¹

RESUMO

No contexto atual da educação, a alfabetização e o letramento são elementos cruciais para o desenvolvimento cognitivo, social e acadêmico dos indivíduos. Entretanto, a distinção entre esses conceitos nem sempre é clara, e sua efetiva integração no processo educacional continua sendo um desafio. O problema reside na persistente discrepância entre os índices de alfabetização básica e a capacidade dos alunos de aplicar essas habilidades em contextos diversos, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais abrangente que englobe tanto a aquisição das habilidades básicas quanto sua aplicação prática. A justificativa para este estudo baseia-se na compreensão de que a alfabetização e o letramento não devem ser vistos como etapas separadas, mas sim como componentes interdependentes do processo educativo. Investir na integração efetiva desses dois aspectos não apenas fortalece as habilidades linguísticas dos alunos, mas também os capacita a se tornarem cidadãos críticos e participativos em uma sociedade cada vez mais complexa. Os objetivos deste trabalho são multifacetados: primeiro, identificar as lacunas existentes na promoção da alfabetização e letramento; em segundo lugar, desenvolver estratégias pedagógicas que integrem de forma eficaz esses dois aspectos; e, por fim, avaliar o impacto dessas estratégias na melhoria dos índices de alfabetização e letramento dos alunos. A metodologia adotada neste estudo recebe uma ênfase particular. Inicialmente, será realizada uma revisão abrangente da literatura para identificar as melhores práticas no campo da alfabetização e letramento. Em seguida, serão conduzidas entrevistas com educadores, especialistas em educação e membros da comunidade escolar para obter insights sobre os desafios enfrentados e as necessidades específicas dos alunos. Com base nesses dados, serão desenvolvidos programas de intervenção pedagógica que integrem a alfabetização e letramento de maneira contextualizada e interdisciplinar. Esses programas serão implementados em escolas selecionadas, com monitoramento constante do progresso dos alunos e ajustes necessários ao longo do processo. Além disso, será realizado um estudo de caso para documentar e analisar em profundidade a eficácia das estratégias implementadas. Espera-se que os resultados principais deste estudo incluam uma melhoria significativa nas habilidades de leitura, escrita e compreensão dos alunos, bem como um aumento na sua capacidade de aplicar essas habilidades em diversas situações do cotidiano e em diferentes disciplinas. Além disso, espera-se que os programas desenvolvidos sirvam como modelo para outras instituições educacionais, contribuindo para uma abordagem mais integrada e eficaz da alfabetização e letramento em todo o sistema educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Desenvolvimento cognitivo; Integração educacional; Letramento. Parte superior do formulário

1 Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduando em Psicologia e Educação pela FAVENI. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com.



BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA DESTA EDIÇÃO

Lígia das Neves

Professora da educação básica e do ensino superior, com Graduada em Matemática e pós-graduação em Educação. Os vários anos nessa função e na gestão pública foram mesclados pela contemplação de dádivas da natureza, especialmente as plantas e as suas flores. Fotografa-las tem sido o modo de capturar a simplicidade e a exuberância da sua presença.

Expediente

Revista Barbante
Vol. XII - Nº 62 - 30 de abril de 2024
ISSN 2238-1414

12 anos da revista Barbante

Editores

Rosângela Trajano da Silva
Samuel de Souza Mattos
Monalisa Carrilho de Macêdo

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Maria Reilta Dantas Cirino
Shirlene Santos Mafra Medeiros
Beth Iacomini
Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner

Danda Trajano

Autor corporativo

Rosângela Trajano
Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

